REVISTA CRIANÇA CIDADÃ

IMPRESSO ESPECIAL
9912248060/2010-DR/PE
Associação Beneficente Criança Cidadã
· · · CORREIOS · · ·

UMA PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CRIANÇA CIDADÃ ANO 3 NÚMERO 14 JAN-FEV-MAR. 2013

A HERANÇA DA TRADIÇÃO ARMORIAL

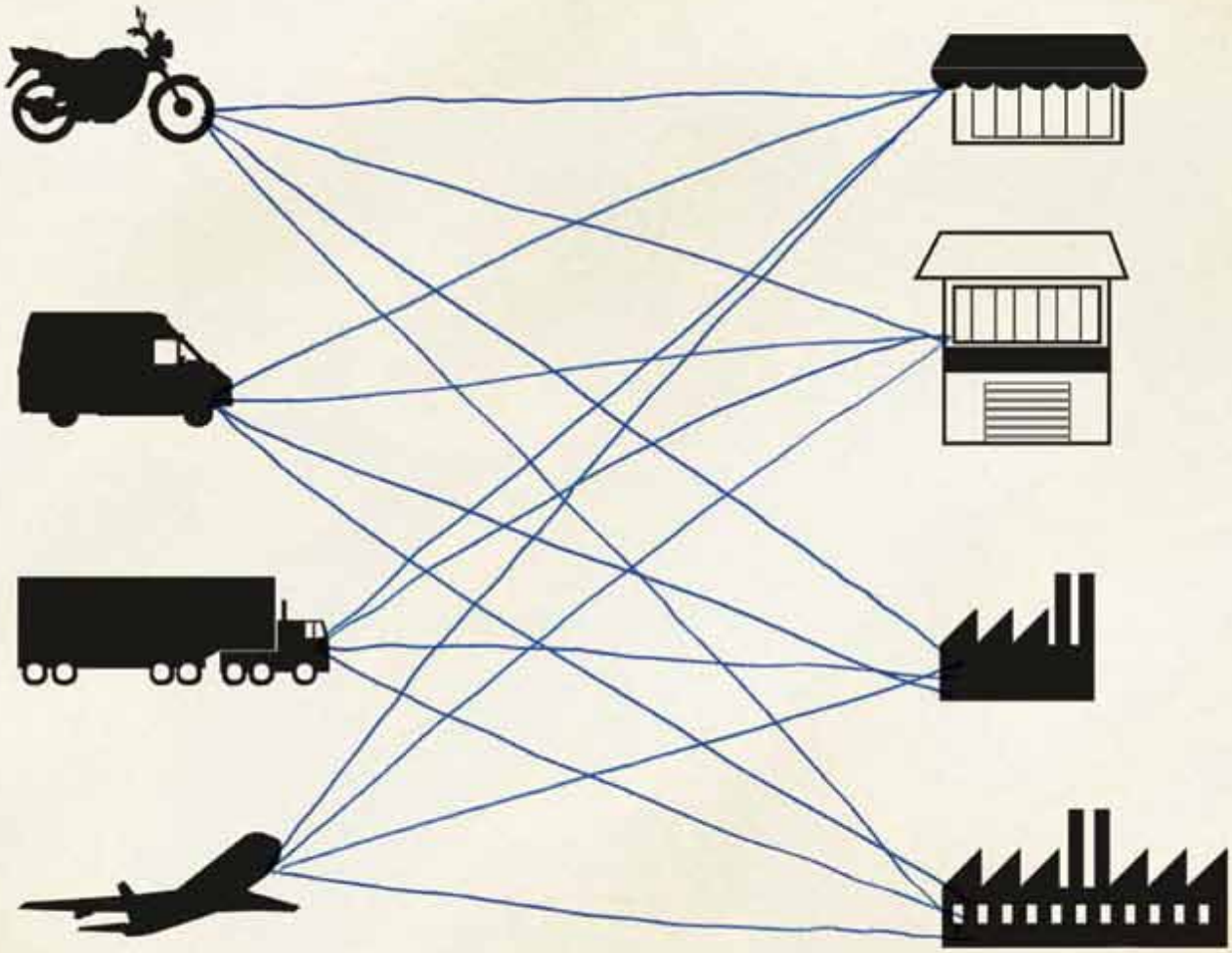
Mistura entre popular e erudito resgatam memórias da Orquestra Armorial de Câmara e revivem a cena da música feita no Nordeste

E MAIS

Orquestra Criança Cidadã dá início a ciclo de concertos mensais no Caixa Cultural

IMPRESSO FECHADO. PODE SER ABERTO PELA ECT

ATIPLA



RAPIDÃO COMETA. ENTREGAS DE QUALQUER TAMANHO PARA QUALQUER TAMANHO DE EMPRESA.

O Rapidão Cometa, um dos maiores provedores de serviços logísticos do país, faz entregas através de transporte aéreo ou rodoviário em qualquer lugar do mundo. São várias opções de transporte que se adaptam a qualquer tamanho de carga e a qualquer tamanho de empresa. Seja qual for a sua necessidade, chame o Rapidão Cometa. Sua companhia de soluções.

TRANSPORTADORA LICENCIADA **FEDEX.**

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE
0800 282.2282
www.rapidaocometa.com.br

Rapidão Cometa

REVISTA CRIANÇA CIDADÃ

SUMÁRIO

ESPAÇO CRIANÇA CIDADÃ: RECOMEÇANDO COM O PÉ DIREITO 06

INOVAÇÃO: ORQUESTRA RECEBE NOVAS ATIVIDADES 08

VESTIBULAR: MAIS JOVENS DA ORQUESTRA NA UFPE 17

CONCERTOS: UM PASSEIO ENTRE O POPULAR E O ERUDITO 19

CAPA: O SOM DO UNIVERSO NORDESTINO 22

INTERCÂMBIO: EDUCAÇÃO NO EXTERIOR 30

MPB: CANTANDO POR UM NOVO CAMINHO 32

POPULAR E ERUDITO: ORQUESTRA PARA TODOS OS GOSTOS 37

CHIQUINHA GONZAGA: UMA MULHER À FRENTE DE SEU TEMPO 40

EDITORIAL

Há cinco meses, quando fotografava o trabalho do luthier Júlio Rocha, na Escola Formadora de Luthier e Archetier, na sede da Orquestra Criança Cidadã, me deparei com uma preciosidade sem fim; encontrei no ateliê, entre diversos instrumentos clássicos, uma rabeca feita pelo próprio artesão. Mas aquela não era uma peça qualquer: havia sido um dos primeiros instrumentos confeccionados por Júlio, em seus primeiros anos de profissão. Na frente, o corpo da rabeca era decorado com desenhos florais; o braço trazia uma flor em madrepérola, enquanto, no dorso, como em um quadro, um garoto e uma garota brincavam em uma árvore: eram os dois filhos do luthier.

Hoje, esse instrumento raro empresta sua beleza à capa do volume 14 da Revista Criança Cidadã, que traz justamente, como mote principal, a fusão entre o popular e o erudito. Essa mistura é muito bem interpretada pelo nacionalmente conhecido Movimento Armorial, que construiu um Nordeste folclórico na década de 1970, revelando expressões inéditas nas artes plásticas, literatura e música. Nesta edição, conheça um pouco sobre a Orquestra Armorial de Câmara, um importante pilar desse movimento no ramo musical, que ousou com composições que congregam o rústico das raízes nordestinas e o refinamento das tradicionais obras clássicas.

Seguindo pelo mesmo percurso de contrastes entre erudito e popular, traçamos perfis de diferentes orquestras pernambucanas de renome, mostrando características e estilos de cada uma delas. Ao trazer essa realidade para a Orquestra Criança Cidadã – um ambiente essencialmente erudito – também foi possível abrir as portas para o popular. A inauguração do núcleo de música popular no projeto social, tema o qual também virou matéria desta edição, é uma prova dessa mescla bem sucedida.

Ademais, a Orquestra Cidadã vem crescendo cada vez mais. Neste primeiro trimestre, o projeto social inaugurou o novo naipe de instrumentos de sopro, além de novos núcleos de psicologia e pedagogia, e realizou dois concertos marcantes no espaço Caixa Cultural. Essas e outras novidades podem ser lidas neste volume da revista *Criança Cidadã*, além de outros assuntos, como variadas modalidades de intercâmbio fora do Brasil para estudantes; uma entrevista com o novo presidente da OAB-PE, Pedro Henrique Reynaldo; e, em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, um perfil da pianista Chiquinha Gonzaga, uma das artistas musicais mais expressivas do Brasil.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

REVISTA CRIANÇA CIDADÃ
Rua General Estilac Leal, 439
Cabanga – Recife – PE
Telefones: (81) 3224-0305
(81) 3428-7600

CONSELHO EDITORIAL
(ASSOCIAÇÃO CRIANÇA CIDADÃ - ABCC)
Des. Nildo Nery dos Santos
Juiz João Targino
Dra. Nair Andrade

EDIÇÃO
Milton Raulino (ABCC)

REDAÇÃO
Equipe de Comunicação da ABCC:
Alef Pontes, Aline van der Linden e Devanyse Mendes

CAPA
Milton Raulino

DIAGRAMAÇÃO
Milton Raulino (ABCC)

TIRAGEM
2.500 exemplares

IMPRESSÃO
Gráfica Provisual

Esta publicação é um instrumento de comunicação da Associação Criança Cidadã / Orquestra Criança Cidadã. Comentários e sugestões devem ser enviados para o e-mail

contato@associacaocriancacidada.org.br

CONTRIBUA

Banco do Brasil
Ag. 1850-3, C/C 10674-7
Deposite a quantia que desejar.

PARCEIROS

COMPONDO UM NOVO FUTURO.

O COLÉGIO MOTIVO PATROCINA A ORQUESTRA CRIANÇA CIDADÃ.

A Orquestra Criança Cidadã fechou parceria com o Colégio Motivo.
Agora, 15 jovens músicos têm bolsas de estudo para o curso pré-vestibular.
É a educação e a música gerando oportunidades e esperança para os jovens.

colégio MOTIVO

ORQUESTRA CRIANÇA CIDADÃ

aporte*

ESPAÇO CRIANÇA CIDADÃ

Recomeçando com o pé direito

Paredes pintadas, biblioteca com acervo novo e muita animação para a volta das atividades no Espaço Dom Helder Camara

FOTO: ALEF PONTES

CURSO DE COZINHA RENDEU BONS FRUTOS EM 2012 E CONTINUA A TODO VAPOR ESTE ANO

No mês de março, os alunos de reforço do Espaço Criança Cidadã Dom Helder Camara ganharam fardamento e materiais escolar e de higiene pessoal. Os pais e responsáveis dos alunos participaram da primeira reunião do ano com a equipe educacional do programa. A coordenadora pedagógica do Espaço, Mariza Fabrício, recebeu as famílias em uma estrutura montada na quadra. A pedagoga aponta que a reunião teve como objetivo aproximar os familiares do trabalho que está sendo desenvolvido, além de conscientizá-los de que os responsáveis devem estar cientes de cada passo da educação de seus filhos. “Nós mostramos aos alunos qual deve ser o papel dele na sociedade e, com as reuniões pedagógicas, também conseguimos passar esses mesmos valores para a família. Dessa forma, os pais ajudam significativamente os professores na educação”, explica.

Mariza Fabrício também apresenta às famílias os métodos de ensino utilizados com as crianças durante o aprendizado. Para a educadora, os pontos da linha educacional de Paulo Freire são bastante eficazes para atingir as metas de ensino propostas pelo Espaço Dom Helder Camara. “Nós trazemos a realidade das crianças para a sala de aula. Quando elas se identificam com o que os professores falam, fica mais fácil assimilar os conteúdos passados”, afirma.

Durante a solenidade da entrega dos novos fardamentos, a advogada e coordenadora geral do Espaço, Nair Andrade, deu boas vindas aos alunos e pediu a colaboração das mães para auxiliar na construção do aprendizado dos filhos. "A educação é uma via de mão dupla, onde todos os envolvidos no processo devem ter participação efetiva para colher juntos o mérito do trabalho", disse Nair, que também comemorou a reestruturação do Espaço Dom Helder Camara. "Agora é só caminhar para fazer com que tudo continue dando certo", afirmou, satisfeita e perseverante.

O presidente da Associação Beneficente Criança Cidadã, desembargador Nildo Nery, se mostrou bastante entusiasmado com o início do semestre letivo. "Cada dia que chego aqui, vejo quantas mudanças estruturais já ocorreram, trazendo conforto para nossos beneficiários. Eu torço para que eles continuem empenhados em buscar uma vida melhor através da educação e da cultura cidadã", afirmou o desembargador, durante a entrega dos kits escolares.

A desembargadora Helena Caúla acompanha e apóia as ações do Espaço Dom Helder Camara desde a sua criação. Segundo a magistrada, o trabalho que começou há mais de dez anos, com a atuação de Nildo Nery, foi uma pequena semente que germinou e até hoje vem transformando a vida não só das crianças, mas também das famílias, que participam diretamente dos benefícios oferecidos pelo Espaço.

A aluna do reforço Flávia Andréia escreveu uma carta para o desembargador Nildo Nery, agradecendo por tudo que o magistrado já fez pelo projeto. A menina, que gosta muito de estudar, disse que quando crescer quer ser veterinária, para ser doutora e poder cuidar dos animais.

A dona de casa Maria da Conceição Gomes saiu de casa cedo para levar os três netos ao Espaço Dom Helder Camara. A mãe das crianças trabalha fora e, por isso, a avó cuida dos meninos. Maria da Conceição conta que, a partir do momento que seus netos começaram a fazer parte do projeto, o comportamento deles mudou para melhor, e ela acredita que eles agora podem ter oportunidade de estudar e, futuramente, se tornarem profissionais de qualidade.

PROFISSIONALIZAÇÃO GARANTIDA

O Espaço Dom Helder acredita no potencial das pessoas que querem mudar de vida e aprender uma profissão. Por isso aposta em um novo curso técnico voltado não só para os moradores das Vilas de São Francisco e Nossa Senhora de Fátima, mas também ao público externo. Com essa nova modalidade de ensino profissionalizante, a ABCC abre espaço para que novos estudantes possam aperfeiçoar as atividades gastronômicas na região e se inserir no mercado de trabalho. O início das aulas de Produção de Kit Festas aconteceu no dia 18 de março.

Realizado em parceria com a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), o curso dá continuidade às atividades de gastronomia e nutrição que já vêm sendo realizadas na cozinha didática do projeto. A primeira turma do curso é composta por 12 alunas e tem carga horária de 20 horas. As aulas acontecem de segunda a sexta-feira, sempre na parte da tarde.

Segundo a coordenadora do Espaço Dom Helder, Nair Andrade, o curso tem como objetivo profissionalizar as mulheres da comunidade para que elas possam entrar no mercado de trabalho e gerar renda, melhorando a qualidade de suas vidas. "Com a participação em atividades profissionalizantes, muitas donas de casa conseguem espaço no mercado de trabalho e abrem seu próprio negócio. Essa geração de renda promovida por elas melhora a auto-estima e o status delas dentro de casa e na comunidade", conclui a coordenadora.

INOVAÇÃO

Orquestra recebe novas atividades

Projeto social da ABCC recebe segunda unidade, com naipe de instrumentos de sopro, e amplia suas ações com novos núcleos de psicologia e pedagogia

O ano de 2013 iniciou repleto de novidades para a Orquestra Criança Cidadã. Com a inauguração da unidade dois, na atual sede do projeto, a Orquestra ganha mais integrantes tanto para compor o quadro de funcionários, quanto para estudar nas novas salas de aula. O prédio da nova unidade abrigará a coordenação pedagógica do programa social, bem como novos espaços para os estudantes de instrumentos de Sopro e os novos núcleos de pedagogia e psicologia.

Com a implementação do novo espaço, mais 30 alunos ingressarão na escola de música da orquestra, elevando para 160 o número de beneficiários do programa. "A Orquestra Criança Cidadã está passando por um importante momento agora. A fundação dos novos núcleos revela-se de suma importância na medida em que está expandindo os horizontes e criando oportunidade para que mais crianças participem do projeto", explica João Targino, idealizador e coordenador geral da Orquestra.

NÚCLEO DE SOPROS

Com novas salas de aula e um grande e bem equipado auditório, a Orquestra acresce, agora, os instrumentos clarinete, oboé, fagote, trompa e flauta transversa ao conjunto dos jovens músicos do Coque, elevando o grupo à categoria de orquestra de câmara. Essa realização significa um ganho especial para a Orquestra Criança Cidadã, uma vez que lhe possibilitará incluir mais peças em seu repertório, além de treinar composições de maior complexidade.

FOTO: DEVANYSE MENDES

NOVO PRÉDIO ERGUIDO NA SEDE DA ORQUESTRA DÁ LUGAR ÀS NOVAS AÇÕES DO PROJETO

Trinta novos alunos preencherão, inicialmente, as vagas no naipe de sopros, sendo um grupo de seis alunos para cada instrumento. Segundo a coordenadora pedagógica do projeto, Janayna Mendes, houve uma grande procura da comunidade para as novas vagas. "Muitas crianças que buscam o projeto só conhecem o violino e, por isso, querem tocar esse instrumento. A esses alunos, nós apresentamos os demais instrumentos para ver se há algum outro interesse. Nós buscamos sempre conciliar as vagas disponíveis com o interesse do pretendente", revela Janayna.

Eriston Galdino, de 11 anos, é morador da comunidade do Coque e se inscreveu na seleção dos alunos para o Núcleo de Sopro. "Quero entrar no grupo (da Orquestra), aprender a tocar trompa e mostrar para minha mãe, para que ela tenha orgulho de mim", afirmou o garoto.

NÚCLEO DE PSICOLOGIA

Formado pelas psicólogas Fabíola Pimentel e Alexsandra Lins, o novo núcleo visa oferecer atendimento, orientação e apoio a alunos, familiares e funcionários que integram o projeto. Segundo o coordenador João Targino, a implementação desse espaço é fundamental. "Muitos dos nossos alunos passam cotidianamente por problemas muito fortes, de ordem familiar. Então, o apoio psicológico para esses alunos se mostra imprescindível", afirma.

Em atividade desde o início de março, o núcleo, no momento, está fazendo um levantamento de demandas e diagnóstico institucional, na qual serão apuradas as dificuldades e carências dos alunos. Após o período de análise, será realizado um trabalho mais específico com os alunos. "A partir do diagnóstico já realizado, decidimos realizar oficinas sobre bullying para os menores e sobre sexualidade para os jovens. Essas são necessidades mais emergentes observadas para esses grupos", explica Fabíola.

Já com as famílias serão realizadas atividades periódicas, também em grupo. O objetivo é criar uma integração da comunidade com o projeto. "Pretendemos realizar, juntamente com os familiares, um mapeamento da rede de apoio do Coque. Assim, conseguimos identificar mais facilmente as necessidades dos que participam do projeto e direcioná-los aos órgãos de apoio dentro da própria comunidade. Temos que ter em mente sempre o seguinte questionamento: 'de que forma podemos ter um olhar ampliado sobre o projeto?'", comenta Alexsandra.

FOTO: ALEF PONTES

FABÍOLA E ALEXSANDRA: DUPLA ASSUME FRENTE DO NÚCLEO DE PSICOLOGIA DA ORQUESTRA

Ainda de acordo com a psicóloga, as atividades do núcleo não terminam por aí. "Ainda haverão as atividades que atingem os educadores e os demais funcionários. Os professores são o principal contato com os alunos, e eles precisam estar preparados para lidar com a demanda dos menores. Além disso, a partir de agora, todas as novas contratações de profissionais passarão por uma avaliação psicológica", revela ela.

Graças a uma parceria com a Universidade Católica de Pernambuco (UFPE), os Meninos do Coque terão acesso a atendimento clínico na estrutura da universidade, além de receberem apoio dos estagiários da instituição, que estarão realizando atividades em conjunto com as psicólogas na sede do projeto.

NÚCLEO PEDAGÓGICO

Outra novidade na Orquestra Criança Cidadã em 2013 é a implementação do Núcleo Pedagógico, que completará o acompanhamento dos estudantes a partir do mês de abril, intensificando o reforço escolar já realizado no projeto. "Grande parte dos alunos chega ao projeto com uma enorme carência no ensino regular. É nesse aspecto que o pedagogo cumpre um importante papel dentro das atividades do projeto. Eles atuam como um reforço às atividades escolares dos alunos, suprindo, assim, as deficiências do ensino público e permitindo que nossos alunos tenham um ensino completo, tanto musical quanto escolar", explica João Targino.

JUSTIÇA E SOLIDARIEDADE

Sócio-fundador da ABCC preside OAB-PE

"Acredito na Associação pela sua bela obra social", diz Pedro Henrique Reynaldo

Toda ação beneficente parte da iniciativa de um ou mais indivíduos que valorizam a vida do próximo e entendem a necessidade de não apenas preservá-la, mas promovê-la com dignidade. Por trás de um simples ato de gentileza e de grandes projetos ambiciosos, há pessoas que acreditam em um futuro melhor e o buscam da melhor maneira possível em seu dia a dia. Pedro Henrique Reynaldo, advogado, participou da fundação da Associação Beneficente Criança Cidadã, em 2001, e acompanhou o trabalho de solidariedade e cidadania da organização não governamental desde então. Ele assumiu a presidência da Ordem dos Advogados Brasileiros, secção de Pernambuco (OAB-PE), em janeiro deste ano, e contou à equipe da revista *Criança Cidadã*, por que apoia a nossa ideia.

FOTO: OAB-PE/ DIVULGAÇÃO

Revista Criança Cidadã - Quando e como começou a sua relação com a ABCC?

Pedro Henrique Reynaldo - Tive a honra de subscrever, como sócio-fundador, os atos constitutivos da ABCC, o que ocorreu meio que por acaso. Sempre tive uma grande admiração pelo desembargador Nildo Nery e testemunhei seu trabalho voltado às crianças carentes na época em que ele exerceu a presidência do TJPE. Ao término de sua gestão, quando o procurei para tratar de assuntos de advocacia, ele estava ocupado justamente com a formalização jurídica dos estatutos da ABCC e, para minha surpresa, me convidou para subscrever seus estatutos, o que atendi prontamente por ser conhecedor da seriedade e dos nobres propósitos de seus fundadores. Desde então, na medida de minhas limitações, faço questão de contribuir com a entidade.

RCC - Você já se envolveu, direta ou indiretamente, com outras atividades sociais?

PHR - Sempre fui muito consciente da responsabilidade social que nos cabe. Todo aquele que recebeu bênçãos tão valiosas como educação, saúde, oportunidade de trabalho, e, em razão disso, vive uma situação privilegiada em relação à maioria da população tem o dever de retribuir, de alguma forma, em favor da sociedade, sobretudo dos mais carentes. E essa retribuição não deve se limitar ao pagamento regular de seus tributos, o que constitui uma obrigação mínima e essencial. Portanto, há muito, e sempre que possível, contribuo para algumas entidades e atividades sociais, como a ABCC, o Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (Imip) e a Fundação Terra. De certa forma, minhas atividades na OAB também atendem diretamente as finalidades sociais de grande relevância. Dediquei-me bastante, nos últimos sete anos, à nossa entidade de classe como Conselheiro Federal e, agora, como presidente estadual. Esse trabalho é essencialmente voluntário e honorífico, sem qualquer retribuição financeira, e a OAB, além de sua finalidade corporativa de defender e regular a classe dos advogados, também tem como missão legalmente prevista a luta pelo aprimoramento das nossas instituições democráticas, pelos direitos humanos e pela justiça social.

RCC - Por que é importante ajudar organizações não governamentais?

PHR - É preciso entender que o Estado, tal como compreendido nos tempos atuais (como em *O Leviatã*, de Thomas Hobbes), não tem como solucionar todas as demandas da sociedade. Os entraves legais e burocráticos, assim como a própria limitação de recursos, constituem obstáculos ao pronto e pleno atendimento das necessidades da população, notadamente de seus setores mais vulneráveis. Daí a importância do chamado "terceiro setor", com a efetiva participação da sociedade através de organizações não governamentais, sejam elas financiadas pelo próprio Estado ou mediante contribuição da iniciativa privada e das doações individuais. Essas organizações trazem duas grandes vantagens: a primeira, mais direta, consiste no resultado de ações concretas em favor da sociedade, suplementando ou mesmo substituindo a atuação estatal de forma mais eficiente; e a segunda vantagem, mas não menos importante, é a consolidação de uma participação social mais direta na solução de seus próprios problemas. É preciso estimular que a sociedade se organize para que, ao invés de apenas se queixar da precariedade ou mesmo da ausência de serviços e políticas públicas, passe a participar mais diretamente da fiscalização do funcionamento da escola para cobrar melhoria do ensino, bom funcionamento dos hospitais e clínicas e acompanhamento e controle dos gastos públicos, visando mais eficiência e menos desperdício.

RCC - Por que acreditar no trabalho realizado pela ABCC/OCC ?

PHR - A crise de valores e a decadência ética que estamos vivenciando em nossos tempos não contaminam apenas a conduta de parcela das pessoas públicas como de parlamentares, magistrados e governantes. Existe, também, a corrupção privada, observada em parcela de todos os setores da sociedade, do feirante ao taxista, do médico ao advogado, dos executivos aos maus empresários. E isso, certamente, também pode ser observado em parte das organizações não governamentais, criadas para desviar recursos públicos ou até mesmo ludibriar doadores privados. Nesse contexto, é de suma importância se conhecer as ações e a história de cada instituição para separar o joio do trigo. Acredito na ABCC/OCC pela sua bela obra social, conhecida por todos, não apenas em Pernambuco, mas em todo Brasil e no exterior, que vem promovendo, com dignidade, a cidadania e a esperança de uma vida promissora a inúmeras crianças pobres, nascidas em um ambiente vulnerável e de poucas perspectivas. Mas também acredito nessa importante instituição por ser conhecedor do grande valor e espírito de

verdadeira doação daqueles que a fazem. Pessoas como Nildo Nery, Helena Caúla, Aquino Reis, Nair Andrade, João Targino, dentre outros, emprestam grande credibilidade a essa bela obra social realizada pela ABCC/OCC.

RCC - Como você acha que esse trabalho pode melhorar?

PHR - Acredito que a ABCC/OCC possui um grande potencial que vem sendo um pouco desperdiçado na captação de recursos para financiar suas atividades. Embora não esteja familiarizado com os números de suas receitas, a julgar pelo grande capital político que a entidade possui, em razão de sua credibilidade e notoriedade, penso que poderia haver uma maior capilarização da rede de prospecção de doações, por parte da sociedade civil, doadores individuais, pequenas e médias empresas, etc.. Depósitos para arrecadação de moedas e troco, situados em locais próprios, convênio com empresa de saneamento, distribuição de energia elétrica ou cartões de crédito, para facilitação dos meios de doação, certamente iriam incrementar as receitas e, com elas, as ações sociais da ABCC/OCC.

RCC - Como novo presidente da OAB, qual você acha que é o papel da instituição junto a entidades filantrópicas ?

PHR - A OAB tem o dever institucional de defender o aprimoramento das instituições e zelar pela Constituição, o que denota uma competência ampla prevista em lei. A ampliação e aprimoramento do chamado "terceiro setor", no qual se inserem as entidades filantrópicas, também é papel da OAB. Uma das formas de nossa entidade cumprir essa missão é difundindo a importância do papel de tais entidades e fiscalizando e coibindo eventuais desvios por parte daquelas instituições que porventura não mereçam crédito, preocupação esta que também é compartilhada com o Ministério Público e Tribunal de Contas do Estado.

RCC - Que recado você dá para que nossos leitores se motivem a colaborar com a nossa ONG ou com outras?

PHR - Diria que, diferentemente do que ainda acontece com o imposto que pagamos – cuja destinação nem sempre é bem empregada e, por vezes, lamentavelmente desviada, o que de forma alguma pode servir de pretexto para que não continuemos a pagar regularmente os tributos –, nas doações que fazemos para a ABCC/OCC ou outra entidade filantrópica idônea, o bom resultado é facilmente constatado por ações sociais concretas, contando ainda com um importante diferencial: enquanto pagamos o tributo por obrigação legal, a nossa contribuição para a ABCC/OCC é ato voluntário e de amor ao próximo e de compromisso com uma sociedade mais justa e solidária.

> "A nossa contribuição para a ABCC/OCC é ato voluntário e de amor ao próximo e de compromisso com uma sociedade mais justa e solidária."

ARTIGO

Tudo pela Educação

POR NILDO NERY DOS SANTOS
PRESIDENTE DA ABCC

IMAGEM: REPRODUÇÃO DA INTERNET

A educação é a única ferramenta apropriada para romper as amarras da exclusão social. Em boa hora, 26 Estados e mais de 5 mil municípios firmaram o Pacto Nacional pela alfabetização, encontrando-se no Senado Federal a medida provisória que estabelece prazo, avalia resultados e premia os melhores, visando garantir alfabetização a todos até os 8 anos de idade.

Na verdade, faz-se necessário que o pacto seja melhor articulado com uma fixação bem clara das atribuições e responsabilidades dos agentes envolvidos, possibilitando a todos receber a educação que os coloque no mundo sabendo ler, escrever, pensar, calcular e tendo consciência do que são, com aspiração de crescimento.

Como adverte Lya Luft "... têm de existir escolas para todas as crianças, em todas as comunidades, as mais remotas, com qualidades básicas, não ultrapassando o número de alunos bem acomodados..." (Veja, edição 2310 – p. 22).

O acesso à boa escola representa o caminho à conquista dos valores essenciais, ao desenvolvimento humano. É o que vem ocorrendo em Pernambuco, com a denominada Escola Legal, um espaço cheio de atrativos, aliando atividades pedagógicas às artísticas e esportivas, mostrando que essa é a melhor forma de tirar as crianças da rua, mesmo as de rua. Cria-se, então, um novo caminho social, de amor ao próximo e de solidariedade.

Somar forças, disseminar a inclusão social, multiplicar as oportunidades e dividir responsabilidade são os lemas para o fortalecimento da rede de efetiva proteção à infância e a juventude.

Estão tendo continuidade os frutos do Programa Criança Cidadã, instituído pela portaria 027, de julho de 2000, tendo como coordenador o incansável João José Targino, que sempre consegue parcerias e apoiadores para a realização dos projetos sociais. Da união de poderes públicos, empresariado e terceiro setor, já foram edificadas as vilas Nossa Senhora de Fátima e São Francisco – onde foram acolhidas as famílias moradoras de rua.

O Espaço Cultural Dom Helder Câmara, projetado pela ABCC no bairro do Cordeiro e supervisionado pela iluminada Nair Andrade, ganhou nova estrutura. Os moradores da região foram beneficiados com sucessivos cursos profissionalizantes, ministrados em parceria com a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Senac e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Na verdade, o grande triunfo do Programa Criança Cidadã, desde seu nascimento, tem sido as parcerias. Exército Nacional, Caixa Econômica Federal, CNI, Sistema 'S', Esmape, Celpe, dentre outros, sem esquecer o Colégio Motivo – responsável pela aprovação dos integrantes da Orquestra dos Meninos do Coque na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Deus em sua infinita bondade sempre coloca as pessoas certas na trajetória da Criança Cidadã. É o que ocorre, por exemplo, neste mês de junho, quando os talentosos jovens do Coque estarão representando Pernambuco em um festival de música clássica na República Federativa da Alemanha.

O "clima franciscano" de ajudar o próximo está em alta. As ações e as orações do Papa Francisco irão certamente refletir na erradicação da pobreza absoluta. Compete a cada um, na amplitude de seu dom, fazer a sua parte. As luminárias da educação deixarão o mundo bem mais claro e melhor.

INCLUSÃO SOCIAL

Acreditando nas pessoas

Gerido pela Odebrecht, empresa parceira da ABCC, programa *Acreditar* acompanha obras da construtora no Brasil e no mundo, oferecendo oportunidades de profissionalização, educação e cidadania

POR DEVANYSE MENDES

O número de empresas privadas que apóiam projetos sociais cresceu cerca de 70%, entre 2000 e 2010, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Os dados revelam a conscientização que inúmeros setores da economia brasileira estão assumindo perante a sociedade. A participação dessas organizações aumenta a possibilidade de promover qualidade de vida e fazer com que as pessoas que estão à margem da sociedade tenham condições de acesso aos serviços básicos – saúde, educação, entre outros.

A Fundação Odebrecht trabalha desde 1965 com projetos sociais e tem ações voltadas para o desenvolvimento local das regiões onde atua. O eixo de trabalho estrutura-se em três pilares: o fortalecimento da cidadania e da governança; a educação de crianças e jovens; e a educação profissional de adultos. No total, 942 comunidades no Brasil e outras 448 no exterior fazem parte da rede de atendimento da instituição.

O Programa *Acreditar* é uma das ações da Fundação que mostra como vale a pena dar oportunidade de mudança para as pessoas. A iniciativa nasceu em 2008, a partir da necessidade de obter mão de obra qualificada para a construção da Usina Hidrelétrica de Santo Antonio, no Rio Madeira, em Porto Velho (RO). O *Acreditar* também visava coibir a imigração desordenada de pessoas de outros estados, realidade que agrava, ainda mais, a precária infraestrutura de saúde, educação, saneamento e segurança pública da cidade.

No Brasil, o Programa também foi implantado nos Estados de Alagoas, Mato Grosso, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo. Essa abrangência

FOTO: EDU SIMÕES / ARQUIVO ODEBRECHT

ANTONIO CARDILLI: PARA GESTOR DA ODEBRECHT, BONS RESULTADOS DO PROGRAMA SURGEM GRAÇAS À GERAÇÃO DE EMPREGO QUE O *ACREDITAR* PROPORCIONA

rendeu um total de 25.060 profissionais qualificados e prontos para o mercado de trabalho brasileiro. Após o sucesso em Santo Antonio, a empresa fez uma parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social para a implantação do *Acreditar* nas obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) onde a Odebrecht estivesse atuando. Os indivíduos inscritos no Programa Bolsa Família tiveram prioridade de participação. A iniciativa brasileira chamou a atenção de países vizinhos. E, com o nome de *Proyecto Creer*, a atuação do *Acreditar* ganhou o mundo e mudou a vida de pessoas, através de obras realizadas, inicialmente, no Peru, depois na Venezuela, Argentina e Panamá. Hoje, o Programa também está em plena atividade na Angola.

O gerente de pessoas, organização e relações institucionais da Odebrecht, Antonio Cardilli, é um dos coordenadores do Programa e entusiasta das ações

desenvolvidas. Segundo Antonio, o grande objetivo no início era fazer o empreendimento atender mais de 70% das pessoas da região. No entanto, os estudos iniciais apontaram que poderiam contar com, no máximo, 30% de mão de obra local. Outra meta era despertar a mão de obra feminina para o setor de construção pesada, pois, historicamente, as mulheres nunca ultrapassaram 2% do efetivo. Em Santo Antonio, este percentual superou os 10%. "Uma grande conquista nossa foi conseguir ultrapassar a expectativa quanto aos índices de desenvolvimento regional, e alcançamos esse objetivo graças à geração de riqueza através dos empregos criados pela obra treinada por nós", aponta o gerente.

Com a proximidade da Copa do Mundo das Confederações, as obras da Arena Pernambuco seguem a todo vapor, promovendo geração de emprego e renda. Em meio ao concreto, o Programa *Acreditar* conseguiu crescer e hoje atende aos trabalhadores da Arena, que vivem na comunidade Santa Mônica, localizada no entorno da Cidade da Copa. A Arena Educar promove a inclusão digital, através das aulas de informática básica, e capacita seus beneficiários para atuar na área da construção civil.

O êxito do Programa motivou a criação de um ramo específico da iniciativa – o projeto *Acreditar Júnior*. A ação atende adolescentes e jovens, entre 14 e 17 anos, filhos dos beneficiários do Programa inicial. Na cidade rondoniense de Porto Velho, 845 jovens já foram formados. Para participar do *Acreditar Júnior*, é necessário que os filhos dos trabalhadores estejam cursando séries escolares acima do 5º ano do ensino fundamental.

"Queremos manter o Acreditar como uma solução para o aproveitamento e inserção das comunidades nos empreendimentos nos mais diversos rincões em que estejamos atuando. Para tanto, é importante manter o Acreditar constantemente atualizado e climatizado na região onde estiver sendo implantado, sempre respeitando a vocação, cultura, clima e história da região", afirma Cardilli.

CONHEÇA ALGUMAS INICIATIVAS DO PROGRAMA ACREDITAR

- **Cooperativas de Produtores Rurais**: reúne trabalhadores da zona rural com o objetivo de garantir renda e qualidade de vida às unidades-famílias associadas. O programa atua nos municípios de Presidente Tancredo Neves (BA) – contando com 213 cooperados – e no Baixo Sul da Bahia – onde 571 cultivam palmito de pupunha através de tecnologia originária do Equador e da Costa Rica adaptada ao Brasil. Já na Área de Proteção Ambiental do Pratigi, também na Bahia, o programa vai além e ajuda a impulsionar as comunidades quilombolas com a reintrodução de diferentes tipos de artesanato e a criação de uma fábrica de vassouras, chamada Indústria Cidadã.

- **Casa Familiar Rural**: programa existente nas cidades baianas de Tancredo Neves e Igrapiúna oferece educação profissional a jovens, estimulando a permanência no campo e na agricultura familiar. Em Tancredo Neves, 116 beneficiários já passaram pelo projeto, enquanto outros 136 estão em formação. Enquanto isso, o centro profissionalizante de Igrapiúna já formou 39 agentes de desenvolvimento local, enquanto 65 jovens ainda recebem o benefício.

- **CFA, a Casa Familiar das Águas**: educa jovens para a vida cidadã e produtiva, através de ações focadas no desenvolvimento de lideranças, alinhadas à formação humana, profissional, social, cultural e ambiental. As atividades contribuem para a formação do jovem enquanto cidadão crítico e participativo no destino de sua comunidade.

- **CFAF, Casa Familiar Agroflorestal**: vem formando jovens empresários agroflorestais e já é um centro de referência de geração e difusão de conhecimentos aplicados ao Agroecoturismo. É responsável pela transferência de tecnologias produtivas e de conservação ambiental. A proposta da iniciativa é integrar o conhecimento tradicional e o técnico, adaptando o ensino à realidade e aos recursos naturais disponíveis.

VESTIBULAR

Mais jovens da Orquestra na UFPE

Quatro músicos da Orquestra Cidadã Cidadã comemoram, com grandes expectativas, a aprovação no Vestibular da Universidade Federal de Pernambuco

FOTO: ALEF PONTES

JOÃO TARGINO, COORDENADOR E FUNDADOR DA ORQUESTRA, COM OS MAIS NOVOS UIVERSITÁRIOS DO PROJETO SOCIAL

Mais quatro músicos da Orquestra Criança Cidadã Meninos do Coque ingressam em 2013 no curso de Música da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Este ano é o segundo de aprovações, comprovando o resultado positivo da parceria entre a Orquestra e o Colégio Motivo, que garante o curso preparatório aos jovens do projeto em ano de Vestibular – foram quinze alunos beneficiados com a bolsa em 2012. Os demais estudantes que tiveram a oportunidade também colheram bons frutos: receberam bolsas de estudos em instituições particulares do ensino superior.

Após longo período de espera, em função dos atrasos que ocorreram durante o processo do concurso, o listão foi divulgado no dia 27 de fevereiro. Entre os nomes divulgados, alegrias para os Meninos do Coque: quatro jovens acessarão uma instituição

pública de ensino superior e única em Pernambuco a ofertar o curso de Música, o que confere a eles a oportunidade de dar continuidade aos estudos iniciados na Orquestra. São eles: Amanda Lopes, Diógenes Saraiva, Júlio Vasconcellos e Rebeka Muniz. Amanda vai estudar violoncelo, e Júlio, viola; já Diógenes e Rebeka optaram pela Licenciatura plena em Música. Com exceção de Diógenes, que chegou mais tarde no projeto (apenas em 2008), os demais fazem parte da primeira turma que integrou a Orquestra, iniciada em 2006.

Na sua segunda tentativa, Amanda, 18 anos, foi aprovada no Bacharelado de Música direcionado aos estudos do violoncelo, instrumento ao qual se dedica desde o primeiro contato, ocorrido dentro do projeto. Ela conta que estudou toda a parte de teoria musical na própria Orquestra, com o auxílio de professores e colegas; a parte prática estudou em casa. Já o estudo do conteúdo do ensino regular foi auxiliado pelo pré-vestibular, que inclusive lhe deixou marcas. "Gostei muito do ensino e da organização das disciplinas do Motivo, principalmente na área de humanas. Lá, pude ter um maior contato com a literatura e até me interessei mais pela leitura", afirma. Desde então, a garota passou a colecionar livros e encontrou uma autora predileta: Cecília Meireles. Sobre a aprovação, comenta: "Foi uma ótima surpresa. E melhor foi saber que meus amigos também foram aprovados".

Júlio Vasconcellos, também com 18 anos, é violista da Orquestra. Também foi sua segunda tentativa, pois a nota em redação do ano passado prejudicou sua classificação. Ele afirma que se concentrou bem mais no estudo textual para obter melhor desempenho. Tanto é que deu certo: foi aprovado no Bacharelado em Música, só que com especialização em viola. "Estou muito ansioso para começar as aulas. Já tive oportunidade de conhecer alguns dos meus futuros professores e isso me empolgou muito. Agora, espero só crescer e estudar bastante, afinal, o Vestibular é só o começo", sonha Júlio, que espera tocar em uma grande orquestra fora do Brasil e viajar pelos Estados Unidos.

"AGORA, ESPERO SÓ CRESCER E ESTUDAR BASTANTE, AFINAL, O VESTIBULAR É SÓ O COMEÇO"

(Júlio Vasconcellos)

Com uma formação musical adquirida na igreja da qual faz parte, Diógenes, 19 anos, dedica-se à percussão. Teve a oportunidade de profissionalizar seus estudos na Orquestra, o que, com o ingresso na Licenciatura em Música, poderá dar continuidade até se dedicar ao ensino numa escola, uma de suas pretensões. Seus parentes, comenta, ficaram muito contentes com o resultado que obteve. "Minha família gostou bastante. Publicaram no Facebook e foi uma festa só", conta.

Mas a surpresa mesmo foi o nome de Rebeka que, com apenas 16 anos, teve sua aprovação na UFPE. Ela se mostra bastante grata pela ajuda oferecida pelo projeto, que lhe deu a oportunidade de estudar música, através da viola. "Tudo que sei aprendi aqui. Minha vida é a Orquestra, só a Orquestra". Optou, como Diógenes, pela Licenciatura em Música e é bastante decidida, já apontando a direção que quer seguir como carreira profissional. "Quero ser professora de teoria musical e espero ter a oportunidade de ensinar aqui, para retribuir o que fizeram por mim", afirma.

Apesar das comemorações, os trabalhos não podem parar. Em 2013, mais dez jovens músicos entram no período de preparação para tentarem ingressar no ensino superior, em 2014. Inspirados por mais um ano de aprovações, que os novos vestibulandos atinjam seus objetivos e tragam ainda mais resultados positivos para a Orquestra Criança Cidadã.

CONCERTOS

Um passeio entre o popular e o erudito

Orquestra abre temporada de Concertos 2013 e conquista o público com apresentações temáticas realizadas mensalmente

FOTO: CAMILLA FIGUEIREDO

CONCERTO REALIZADO EM JANEIRO ENTROU NO CLIMA DE CARNAVAL E INCORPOROU COMPOSIÇÕES POPULARES

Cerca de 20 jovens músicos da Orquestra Criança Cidadã Meninos do Coque apresentaram um concerto de Carnaval no dia 26 de fevereiro. No palco da Caixa Cultural, no bairro do Recife, a Orquestra abriu as portas do espaço ao público para a temporada de concertos gratuitos de 2013. A apresentação, que levou um repertório essencialmente popular aos ouvidos atentos dos presentes, foi também a primeira do ano realizada com o apoio da Caixa. A parceria entre o banco e os Meninos do Coque prevê um show gratuito por mês, sempre realizado na Caixa Cultural.

O concerto ocorreu no teatro do espaço artístico, no segundo andar do prédio. Mas, ainda assim, a Orquestra Cidadã teve que dividir a atenção do público com as troças que passavam pelas ruas do Recife Antigo durante a apresentação. Habituados a misturar clássico com popular, os jovens músicos do Coque não acharam ruim e, sob a regência da maestrina

Aline Lima, entraram na dança e executaram *Vassourinhas*, frevo tradicional da folia de momo de Olinda e do Recife. A plateia, que estava lotada, com gente sentada até nas escadas, se animou e aplaudiu de pé.

FOTO: LEANDRO LIMA

Outras canções tocadas no espetáculo foram: *Aquarela do Brasil*, *O que é que a Baiana Tem?*, *Para o Rei do Baião* e *Medley Brasil* (*Samba de Verão*, *Tico-tico no Fubá* e *O Último Dia*). "Todas as músicas do concerto de hoje têm arranjos feitos para a nossa Orquestra, e eu preciso ressaltar que é muito difícil executar músicas brasileiras por causa da agilidade exigida na mão esquerda; os meninos se esforçaram bastante", comentou Aline.

Alexandre Guedes, 42, e Teresa Couto, 33, gostaram da experiência de ouvir músicas populares tocadas por instrumentos clássicos. "É uma opção diferente nesta época, né? Muito bacana", afirmou Alexandre. O pequeno Alexandre Gabriel, de dois anos, filho do

OS CONCERTOS REUNIRAM PÚBLICO DE TODAS AS IDADES

FOTO: ALINE VAN DER LINDEN

CONCERTO DE MARÇO TEVE TEMA DE *DOM QUIXOTE* EM SUA ABERTURA

casal, adora Carnaval e caiu no passo ao som de *Vassourinhas*. "Ele adora! Não pode ouvir um frevo que fala 'Carnaval, mamãe, Carnaval' e começa a dançar", completou Teresa.

MÚSICA EM MARÇO PARA FECHAR O VERÃO

Um sábado de música erudita para a família. Na plateia, pais, filhos, tios e avós ocuparam as 96 poltronas do teatro da Caixa Cultural. Seguindo a agenda de concertos mensais realizados no espaço, a Orquestra Criança Cidadã mostrou que a música clássica não tem idade e agrada a todos os públicos. Sob a batuta do maestro Gustavo Paco, no dia 2 de março, o grupo apresentou um programa erudito, com peças de compositores consagrados, como Telemann, Bach, Strauss e Brahms. A noite também contou com a execução do tema do filme *O Mágico de Oz*, composto por Harold Arlen – *Over The Rainbow* –, e a peça brasileira *Mourão*, do compositor Guerra Peixe. Relembrando o clássico da literatura, o 1° Movimento da *Suíte Dom Quixote* abriu o concerto e prendeu a atenção do público. Na peça *Concerto para Dois Violinos*, os solistas Yuri Felipe e Júlio Carlos se dividiam entre um compasso e outro e arrancaram muitos aplausos.

Em meio aos olhares e ouvidos atentos da plateia, uma admiradora especial se destacava. Os olhos da professora Sandra Rocha acompanhavam precisamente cada movimento dos jovens músicos. Sandra chegou cedo ao bairro do Recife, acompanhada da mãe e do marido; passeou pelas ruas históricas do lugar e depois foi retirar os ingressos na bilheteria – era a primeira vez que a professora veria os meninos tocando ao vivo. "Eu sempre via a Orquestra Cidadã pela televisão e achava surpreendente a desenvoltura deles. Pela manhã estava assistindo e vi o anúncio do concerto. Não podia deixar de vir", afirmou.

Sandra conta que, quando era adolescente, participava de corais na escola e gostava muito de ter esse contato próximo com a música. A professora relembra que, na sua época, havia uma programação erudita semanal no Teatro de Santa Isabel, todas as quartas-feiras, as quais ela sempre ia prestigiar com as amigas. "Eu sinto muita falta de apresentações como as que existiam antigamente. Quando fiquei sabendo que a Orquestra ia realizar um concerto por mês, fiquei muito animada, pois resgata um pouco da tradição que estava se perdendo no tempo", comenta a educadora.

Diferentemente de Sandra, o engenheiro da Caixa Econômica Federal Eduardo Lapa ficou sabendo do concerto através da agenda cultural, que é divulgada mensalmente na empresa. Eduardo achou que seria uma ótima oportunidade para fazer um programa em família. "A apresentação foi linda. Os garotos tocam muito bem e eu espero poder assistir aos próximos concertos que eles vão fazer aqui na Caixa Cultural", completa.

ORQUESTRA ARMORIAL

O som do universo nordestino

Explorando o folclore do Nordeste de forma mítica, a Orquestra Armorial, idealizada por Cussy de Almeida, exerceu o pioneirismo ao mesclar o popular regional com o erudito na década de 1970

POR CAMILLA FIGUEIREDO - ESPECIAL PARA A CRIANÇA CIDADÃ

O Movimento Armorial nas artes pernambucanas, com destaque para a música, é "a coisa mais importante que já se fez pela cultura brasileira depois da Semana de Arte Moderna de 1922", afirmou o maestro Isaac Karabtchevsky, regente titular da Orquestra Sinfônica Brasileira (Rio de Janeiro) de 1969 a até metade dos anos 1990, ao Diario de Pernambuco em 1973. Ele estava falando de um trabalho de pesquisa, resgate e divulgação da cultura popular do interior nordestino iniciado e executado principalmente em Pernambuco nas décadas de 1970 e 1980. A valorização e exploração do movimento como fonte rica de arte, entretanto, ficou restrita a um período da história nacional e/ou a quem o viveu e conheceu de perto. Atualmente, ao contrário da afamada Semana de Arte Moderna, pouco se lê, nos livros de história, sobre o processo de transformação do substantivo armorial em adjetivo e do que ele significou para a cultura brasileira.

IMAGEM: REPRODUÇÃO DA INTERNET

Em junho de 1970, a pedido de Cussy de Almeida, Ariano Suassuna batizou de Armorial a orquestra de câmera que havia sido organizada por Almeida em parceria com o Conservatório Pernambucano de Música (CPM) e a Universidade Federal da Paraíba. O Movimento Armorial nasceu oficialmente em outubro do mesmo ano, com um concerto da Orquestra Armorial de Câmara do Recife (OAC) na Igreja de São Pedro dos Clérigos. A ideia

FOTO: REPRODUÇÃO DA INTERNET

ORQUESTRA ARMORIAL: GRUPO FEZ SUCESSO MISTURANDO O RÚSTICO COM O REFINADO

dos idealizadores do movimento era estudar não apenas a música, mas todas as manifestações artísticas do povo, como: cerâmica, pintura, tapeçaria, gravura, teatro, escultura, romance, poesia e literatura, principalmente de Cordel, essência da cultura nordestina, segundo Ariano Suassuna.

O termo armorial, em sua origem, refere-se ao livro de registro dos brasões das famílias nobres, que eram representadas por esses símbolos na Idade Média e por muitos séculos seguintes. A heráldica, ciência que estuda a composição, os esmaltes e os desenhos desses brasões, é, portanto, também o estudo de uma cultura de raiz, tradicional. Nesse sentido, a palavra passou a funcionar como adjetivo e a designar a pesquisa das manifestações tipicamente nordestinas.

"Há diversas interpretações sobre o objetivo do Movimento Armorial. Na verdade, esse objetivo nunca foi resgatar e divulgar a cultura nordestina, mas criar uma arte erudita profundamente enraizada na cultura popular. Cussy de Almeida e a Orquestra Armorial foram a parte mais importante disso tudo porque não apenas tinham compositores ligados ao grupo, como encomendaram muitas obras que ampliaram o repertório erudito composto sobre inspiração da música nordestina", explicou Sérgio Barza, professor de História da Música do Conservatório Pernambucano de Música.

Além dos instrumentos clássicos de corda, como violino, viola, violoncelo e contrabaixo, os integrantes da Orquestra Armorial procuravam misturar suas influências europeias com as melodias barrocas do Nordeste, preservadas pelo romanceiro popular, pela viola e rabeca dos cantadores, pelos aboios dos sertanejos e pelo ritmo dos cordéis. O desafio era grande, mas o esforço deu certo e a OAC foi reconhecida internacionalmente, chegando a fazer uma temporada de concertos no estado norte-americano da Geórgia, além de visitar cidades de todo o Brasil.

Como se pretendia um grupo de experimentação, a OAC não tinha uma composição rígida. Basicamente, foi uma orquestra de cordas com duas flautas e percussão (na maioria das vezes caixa, bombo ou zabumba e triângulo). Vez por outra, eram usados um cravo, violão e viola caipira. "É necessário dizer que a música armorial era apenas uma parte do repertório da orquestra de alto nível formada por ideia de Cussy de

Almeida. Havia também muita música erudita, especialmente barroca, porque o Barroco é uma constante na arte brasileira", acrescentou Barza.

Quem viveu de perto e chegou a participar da gravação de um dos LPs (long-play) da Orquestra Armorial de Câmara foi Gustavo de Paco, atual maestro-assistente da Orquestra Criança Cidadã dos Meninos do Coque, em 1978. "Eu ouvi falar da OAC na época em que os músicos foram gravar o disco, em 1978. Eu tinha chegado ao Brasil em fevereiro daquele ano", comentou o maestro. Gustavo de Paco é argentino, de Buenos Aires.

Norton Morozovitz havia sido escalado para ser o flautista principal naquele projeto, mas, devido a alguns imprevistos, não conseguiu estar presente no primeiro dia (foram cinco) de gravação do LP. "Na UFPB, tinha vários colegas professores de instrumentos de corda. Um deles, meu conterrâneo Osvaldo Damore, ligou me convidando para essa gravação, acho que foi por ordem do maestro Cussy. No primeiro dia, estava eu sozinho na flauta, acompanhado de vários músicos amigos que eu já conhecia de Buenos Aires. Eu era o maia jovem, com 21 anos", contou Paco.

IMAGENS: REPRODUÇÃO DA INTERNET

CAPAS DOS TRÊS PRIMEIROS LPS DA OAC, LANÇADOS ENTRE 1975 E 76

"Aprendi muito com aquilo tudo. Havia muitos mestres participando da gravação. Além do Maestro Cussy, lembro-me de participações de Duda, Clóvis Pereira, Carlos Veiga e de Henrique Gregory. Foi um trabalho em equipe", concluiu o flautista portenho. Guerra Peixe, José Tavares de Amorim, Antônio Madureira e Capiba são outros grandes nomes da música brasileira que fizeram parte do long-play produzido pela Discos Continental.

ONDE FOI PARAR TANTA RIQUEZA?

Em seu auge, a Orquestra Armorial (de Câmara) viajou o Brasil e até outras cidades fora do País, mas quem não é do meio artístico-musical dificilmente ouve falar da OAC no Recife hoje, quanto menos quem é de outras regiões do território nacional. O legado do grupo, entretanto, é inegável, de acordo com os especialistas.

"A música dita armorial tem presença forte em autores eruditos e em outros de caráter mais popular, ou mesmo pseudoerudito, não só em Pernambuco", comentou Sérgio Barza. O Recife é o berço de um dos grupos que têm as propostas da OAC de misturar o clássico, o erudito, com o popular. "O grupo mais representativo que, de alguma forma, segue os passos históricos do caminho traçado pela Orquestra Armorial, é, sem dúvidas, o Sa Grama. Já regi um concerto com eles fazendo o papel de solistas junto a uma Orquestra de Câmara, e aspiro repetir a ideia neste ano com a Orquestra Criança Cidadã", disse Gustavo de Paco.

FOTOS: REPRODUÇÃO DA INTERNET/ DIVULGAÇÃO

SA GRAMA (ACIMA) E ORQUESTRA ARMORIAL DO CARIRI: GRUPOS DO NORDESTE AJUDAM A MANTER VIVA A HERANÇA DA MÚSICA ARMORIAL NA ATUALIDADE

O Sa Grama surgiu em 1995 por iniciativa do professor do Conservatório Pernambucano de Música e flautista Sérgio Campelo. O grupo é formado por instrumentos acústicos que buscam o máximo de efeitos sonoros, numa fusão de sopros, cordas dedilhadas e percussão. Os músicos também criaram a trilha sonora da microssérie O Auto da Compadecida, e já lançaram sete CDs, entre eles, 500 Anos O Brasil-Império na TV; Tábua de Pirulitos; O auto da Compadecida; Engenhos; e Sa Grama. O último deles, Chão Batido, Palco, Picadeiro, que foi editado pelo selo carioca Biscoito Fino, possibilitou ao grupo concorrer ao Prêmio de Música Brasileira edição 2011, como melhor grupo instrumental.

Ainda em 1999, as obras do grupo ficaram conhecidas nacionalmente a partir de um contrato firmado com uma produtora também do Rio de Janeiro – responsável pela distribuição de seus CDs no mercado fonográfico brasileiro. Neste mesmo ano, a seleção brasileira de nado sincronizado usou uma das músicas do Sa Grama, na coreografia desenvolvida para concorrer aos Jogos Pan-americanos de Winnipeg no Canadá.

FOTO E IMAGENS: REPRODUÇÃO DA INTERNET

O QUINTETO ARMORIAL: REGIONALISMO LEVADO AO PÉ DA LETRA DEU VIDA À QUATRO DISCOS

Sérgio Campelo afirma que a sonoridade do Sa Grama é feita através da mistura da formação erudita com a experiência popular de alguns de seus componentes, que conhecem as temáticas folclóricas utilizadas pelo grupo. O trabalho mais recente dos músicos é O *Projeto SaGRAMA* e músicos convidados. A iniciativa tem o objetivo de levar diferentes timbres e sonoridades ao palco, reunindo artistas de vários estilos musicais.

No sertão cearense, um grupo também traz o caráter armorial em suas melodias. A Orquestra Armorial do Cariri tem mais de dez anos de estrada, misturando elementos eruditos como violoncelo e contrabaixo, com rabecas e temáticas regionais. O grupo foi idealizado pelo violoncelista, luthier e violista clássico Francisco de Freitas, ou somente Di Freitas, como gosta de ser chamado. O músico incentiva a valorização da música nordestina e a inserção de características eruditas nas peças que produz. A Orquestra Armorial do Cariri também fabrica seus próprios instrumentos usando a cabaça – fruto em forma de pêra, que quando seco, possui grande capacidade acústica. A matéria prima é bastante usada para a confecção de rabecas e berimbaus.

A riqueza cultural do grupo ganhou o mundo no ano de 2012. No início de maio, o grupo realizou duas apresentações em Istambul, na Turquia, através de uma parceria realizada com a Universidade Técnica do Oriente Médio. Apesar de se destacar internacionalmente, os editais de cultura ainda são a fonte de renda para a manutenção da Orquestra Armorial do Cariri, que mesmo com tanta notoriedade, ainda ensaia na casa dos músicos do grupo.

UMA SEGUNDA VERTENTE: O QUINTETO ARMORIAL

A Orquestra Armorial de Câmara nasceu junto com o Movimento Armorial, embora os dois projetos tenham tomado rumos diferentes. O primeiro, sob o comando de Cussy de Almeida, investiu no regionalismo contextualizado com a música clássica e suas peças tradicionais, entoadas ao som de instrumentos eruditos, como o violino. Na busca por uma caracterização mais exacerbada do movimento, Ariano Suassuna criou, paralelamente, o Quinteto Armorial, que buscava produzir uma sonoridade mais próxima a de instrumentos realmente populares, como pífanos e rabecas.

Portanto, em 1970, nascia, juntamente à OAC, o Quinteto Armorial, liderado por Antônio José Madureira, que tocava viola sertaneja. Os demais instrumentistas eram Edilson Eulálio Cabral –

violonista –, Egildo Vieira do Nascimento – flautista e tocador de pífano –, Fernando Torres Barbosa – responsável pelo berimbau –, e Antônio Carlos Nóbrega – que ficou a cargo do violino e da rabeca. O grupo lançou quatro discos durante seus dez anos de estrada, vindo a ser extinto em 1980. Dos integrantes, apenas Antônio Nóbrega seguiu carreira solo, realizando trabalhos que fundiam música com dança e exploravam ainda mais o universo nordestino. Nas décadas de 1990 e 2000, os shows de Nóbrega, muito bem recebidos pelo público, circularam por todo o Brasil e por países como Portugal, França, Inglaterra e Espanha.

Apesar de terem nascido do mesmo movimento, os dois grupos musicais tomaram rumos diferentes, basicamente por conta dos ideais de seus dirigentes – Cussy queria regionalizar com base no erudito, enquanto Ariano idealizava um movimento unicamente nordestino, sem raízes exteriores. "É quando surge essa dicotomia entre refinado e rústico, existente entre a Orquestra e o Quinteto", explica Sérgio Barza, que acredita que, através desse processo, Ariano acaba fundando uma espécie de autenticidade para a música, uma vez que buscava fazer algo que nunca tinha sido feito. "Porque esse é grande problema da música – repetir o que já se foi feito anteriormente", diz o professor.

DISCOGRAFIA

No fim dos anos 1970 e começo de 1980, a Orquestra Armorial de Câmara realizou muitos trabalhos, principalmente a partir de 1975, ano em que o grupo lançou seu primeiro LP. O disco sem-título, conhecido apenas como *Onça*, por causa da ilustração da capa, traz obras marcantes de compositores como Guerra Peixe – *Mourão* – e José Tavares do Amorim – *Ciranda Armorial*. Um desenho de J. Borges ilustrou a capa do LP *Chamada*, que foi editado no mesmo ano, trazendo a faixa-título – composta por Clóvis Pereira – e *Sem Lei, Nem Rei* – de Capiba.

Outros álbuns importantes da OAC foram *Gavião*, de 1976, e *Orquestra Armorial Volume 4*, de 1979. Além de novos experimentalismos, o grupo apresentava releituras de *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira – no primeiro disco – e da canção folclórica *Mulher Rendeira* – no último. A discografia do grupo também se confunde à obra musical de Cussy de Almeida, que produziu muitas composições para a Orquestra que dirigiu: *Abertura*, *Nordestinados*, *Abôio*, *Kyrie*, *Glória*, *Cipó Branco de Macaparana*, entre outras.

ORQUESTRA ARMORIAL DE CÂMARA SENDO REGIDA PELO MAESTRO CUSSY DE ALMEIDA, NA DÉCADA DE 70

FOTO: REPRODUÇÃO DA INTERNET

COLUNA

Criança Cidadã Indica

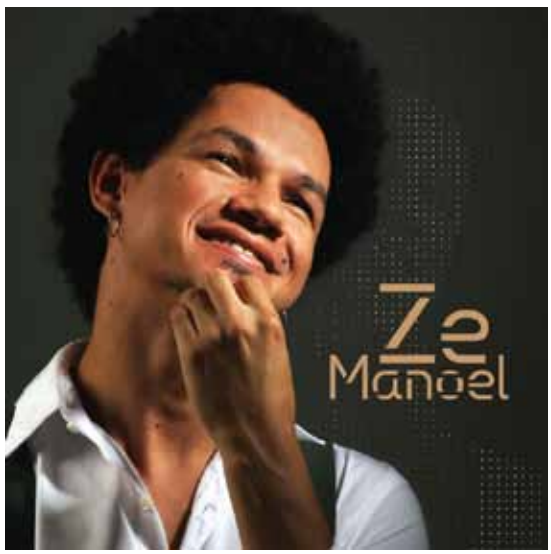
Bons filmes e discos que você não pode deixar de conferir. Fique ligado!

CDs

BANDARRA

Artista: Tibério Azul
Gênero: POP / MBP
Descrição: Álbum de estreia do poeta, compositor e cantor Tibério Azul (ex-Mula Manca e vocalista da banda Seu Chico – coletivo dedicado às canções de Chico Buarque). Uma mistura memorável de regionalismo, rock, música orgânica e muita poesia. Música para alguns, natureza para outros; "Bandarra" é um primor de poesia vital, para cantar e lembrar das relações.

Disponível: Livraria Cultura
Preço: R$ 19,90



ZÉ MANOEL

Artista: Zé Manoel
Gênero: Música Brasileira / MPB
Descrição: O pianista e compositor Zé Manoel, nascido em Petrolina-PE, compõe e canta canções tipicamente brasileiras, com influências do chorinho, da valsa brasileira, do jazz e do samba. Seu trabalho começou a ser apresentado em Festivais de música no ano de 2004 e desde então vem sendo premiado e bastante elogiado.

Disponível: Livraria Cultura
Preço: R$ 22,90

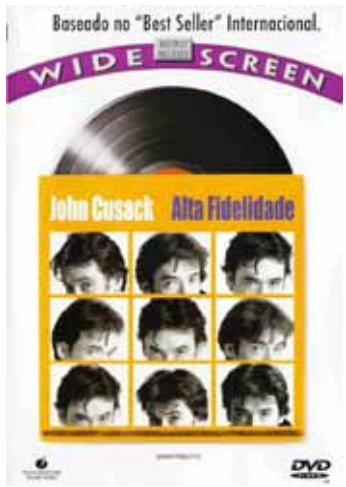
DVDs

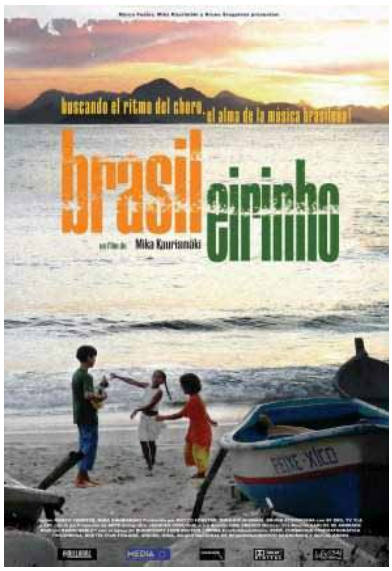
A LENDA DO PIANISTA DO MAR (1998)

Gênero: Drama
Direção: Giuseppe Tornatore
Sinopse: Um garoto nasce em pleno alto-mar, ganhando o nome do ano em que nasceu: 1900. A criança cresce num mundo encantado de fortes ventos tempestuosos e cobertas balançando, conhecendo toda a existência disponível a seu toque nos confins do transatlântico em que nasceu. Já crescido, seu talento natural no piano chama a atenção da lenda do jazz Jelly Roll Morton, que sobe a bordo para desafiar 1900 para um duelo. Indiferente com sua súbita notoriedade, 1900 mantém uma fixação pelo mar, sendo sempre seduzido pelos sons do oceano.

ALTA FIDELIDADE (2000)

Gênero: Comédia
Direção: Stephen Frears
Sinopse: Rob Gordon (John Cusack) é o dono de uma loja de música à beira da falência, que apenas vende discos de vinil. Azarado no amor e ao mesmo tempo uma enciclopédia ambulante sobre música pop, os caminhos da vida terminam por levá-lo a analisar suas escolhas e prioridades, fazendo com que alcance a maioridade. É um filme que fala para qualquer um que algum dia já foi obcecado por música.





BRASILEIRINHO (2007)

Gênero: Documentário
Direção: Mika Kaurismäki
Sinopse: O choro, surgido no Rio de Janeiro no final do século 19, é o homenageado deste documentário musical, que conseguiu reunir, nas gravações, nomes consagrados como Trio Madeira Brasil (Marcello Gonçalves, Zé Paulo Becker e Ronaldo do Bandolim), Yamandú Costa, Paulo Moura, Zé da Velha e Silvério Pontes, Marcos Suzano, Jorginho do Pandeiro, Maurício Carrilho, Guinga, Teresa Cristina e Grupo Semente, entre outros.

INTERCÂMBIO

Educação no exterior

Conheça alguns programas de intercâmbio do Governo brasileiro que podem garantir os estudos de alunos fora do País

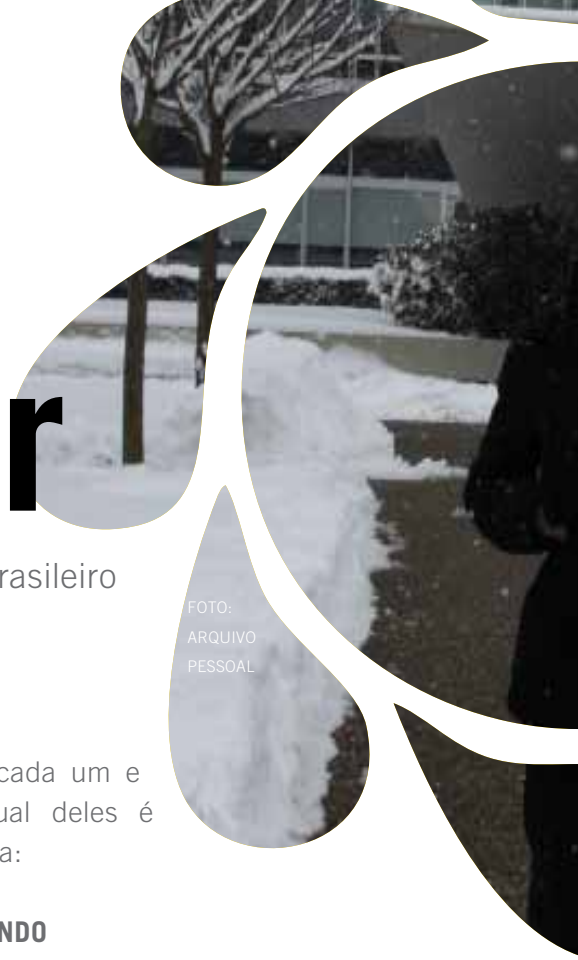


FOTO: ARQUIVO PESSOAL

POR ALEF PONTES

Realizar uma viagem para outro país, estudar um idioma, conhecer e vivenciar outra cultura. Muitas são as razões para participar de um intercâmbio, sonho alimentado por muitos estudantes brasileiros. Porém, para a grande maioria, concretizar esse sonho, muitas vezes, é visto como impossível, devido aos altos custos com acomodação, passagens e escolas. No entanto, outra barreira, ainda maior, é a falta de uma orientação ou apoio adequado ao aluno. Hoje em dia, as dificuldades de praxe foram superadas, e as oportunidades de ter uma experiência no exterior são cada vez maiores.

Além do aprendizado de um novo idioma, um bom programa de intercâmbio é responsável por grandes experiências de vida, que acarretam um enorme crescimento pessoal, acadêmico e profissional. Como o próprio nome diz, o intercâmbio é um momento de interação, no qual há uma grande troca de conhecimentos e valores. Tendo isso em vista, o Governo brasileiro tem buscado investir em programas para que muitos alunos tenham a chance de complementar seus estudos fora do Brasil.

Ganhe o Mundo, *Ciência sem Fronteiras* e *Jovens Embaixadores* são alguns dos programas oferecidos que mais levam estudantes brasileiros para o exterior. Cada um deles tem características próprias (como duração e público alvo) e proporcionam experiências diferentes. Conheça um pouco mais sobre cada um e descubra qual deles é mais sua cara:

GANHE O MUNDO

Criado pela Secretaria de Educação de Pernambuco, esse programa de intercâmbio oferece a oportunidade para estudantes do ensino médio da rede pública do Estado participarem de um curso intensivo de idiomas em diversos países, como Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia, Argentina, Chile e Espanha.

Para participar do programa, os interessados devem estar regulamente matriculados no 2º ano do ensino médio em uma escola da rede pública estadual, ter alcançado média anual acima de sete no ano anterior, nas disciplinas de português e matemática, além de ter uma frequência mínima de 85% nas aulas. As inscrições são realizadas todo ano através do site da Secretaria Estadual de Educação (SEE), que também realiza o acompanhamento dos integrantes do programa enquanto estão no exterior.

Gabriel Padilha, de 17 anos, realizou intercâmbio para os Estados Unidos entre agosto de 2012 e janeiro de 2013 e revela ter vivenciado uma experiência marcante. “Através da experiência de intercâmbio, pude aprimorar minhas habilidades linguísticas, aprender e experimentar outras culturas – não só a norte-americana, mas outras também,

PEDRO MELO: "A EXPERIÊNCIA MAIS MARCANTE DURANTE UM INTERCÂMBIO É VIVENCIAR A INDEPENDÊNCIA"

diante do contato com intercambistas de outros países –, além de mudar completamente minha postura com relação aos estudos", revela.

O programa *Ganhe o Mundo* tem uma duração de um semestre letivo, aproximadamente cinco meses. Além disso, todos os alunos ficam acomodados na casa de uma *host family* (família anfitriã) e recebem uma bolsa mensal no valor de U$300,00 enquanto durar o programa.

CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Fruto de um esforço conjunto entre o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e o Ministério da Educação (MEC), o *Ciência Sem Fronteiras* é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência, incentivando a mobilidade de jovens talentos. Com diversas modalidades diferenciadas, o programa oferece oportunidade para alunos de graduação e pós-graduação, de instituições públicas e privadas, realizarem estágio no exterior no intuito de manter contato com sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e inovação.

As inscrições para o Ciência Sem Fronteiras são realizadas através do próprio portal do programa, onde está disponível a visualização das chamadas em aberto, suas categorias e destinos, além das futuras inscrições. O programa tem duração e valor da bolsa variáveis, de acordo com a categoria, curso, nível de graduação e país de destino dos inscritos.

Para Pedro Melo, que está realizando um intercâmbio de um ano em Londres, na Inglaterra, esse é um importante momento de trocas e autoconhecimento. "A experiência mais marcante durante um intercâmbio é vivenciar a independência e assumir a total responsabilidade de morar sozinho em uma cidade de uma cultura diferente, onde não conhece ninguém. Cotidianamente, me vejo em situações nas quais, no Brasil, eu contaria com a ajuda da família ou amigos, como problemas de saúde ou perda de documentos. Aqui, eu tenho que correr atrás de tudo sozinho, e essa é uma grande oportunidade para amadurecimento pessoal e profissional", explica.

JOVENS EMBAIXADORES

Promovido pela Embaixada dos Estados Unidos, com apoio do Conselho Nacional de Secretários da Educação (CONSED), Ministério da Educação (MEC) e diversos outros órgãos dos setores público e privado dos dois países, o Jovens Embaixadores beneficia alunos da rede pública que são exemplos em sua comunidade – em termos de liderança comprovada, atitude positiva, consciência cidadã, excelência acadêmica e conhecimento da língua inglesa. Os contemplados com o programa realizam uma viagem de três semanas para os Estados Unidos, onde visitam a capital do País, seus principais monumentos, conhecem escolas e projetos sociais, participam de projetos culturais, de responsabilidade social e de empreendedorismo e liderança, além de realizarem apresentações sobre o Brasil.

Parar ser um Jovem Embaixador, o candidato deve ter entre 15 e 18 anos, ter boa fluência oral e escrita do inglês, ser alunos do ensino médio da rede pública de ensino e ter excelente desempenho escolar. As inscrições são realizadas através do site do projeto e também da página do Facebook dos Jovens Embaixadores.

MPB

Cantando por um novo caminho

Sonho de ser cantora que uma aluna do projeto possuía foi o pontapé inicial para a criação do Núcleo de Música Popular Criança Cidadã

A Orquestra Criança Cidadã firmou-se na área da música clássica pernambucana desde 2006, quando foi criada. Atualmente, um novo seguimento está sendo desenvolvido no programa: a área de música popular. No Brasil, os músicos populares conseguem passar mais emoção para o grande público, uma vez que o gênero é mais familiar do que a arte expressada através da música erudita. A explicação para esse fato é a identificação com as letras cantadas e com as melodias mais envolventes. A Orquestra, então, aproveitou os caminhos da música pop para fazer novas incursões musicais.

FOTO: DEVANYSE MENDES

VANESSA ESPERA, UM DIA, SE APRESENTAR CANTANDO JUNTO COM A ORQUESTRA

A iniciativa de criar o Núcleo de Música Popular surgiu a partir da resolução de um conflito. A aluna Vanessa Assunção fazia aulas de violoncelo há mais de dois anos. Apesar do tempo de prática com o instrumento, a garota se sentia frustrada por não se identificar com o que estava fazendo. Cada vez que a violoncelista chegava para assistir as aulas, sabia que algo muito importante faltava e isso a consumia. Vanessa não conseguia se concentrar nos exercícios e sentia que sua situação precisava mudar. Caso nada acontecesse, a única saída que ela tinha era sair do projeto.

Com uma voz marcante, a menina sempre sonhou em se tornar cantora. Desde pequena, brincava com a voz, cantando no chuveiro. Os dias passavam e a jovem não encontrava outra saída a não ser tentar outros caminhos musicais. Vanessa parou de frequentar as aulas, ficava fugindo das lições de violoncelo e já era raro encontrá-la nos ensaios da Orquestra. Como Vanessa sempre foi uma aluna exemplar, a coordenadora pedagógica do programa, Janayna Mendes, começou a achar estranho o sumiço

da menina nas aulas e resolveu procurá-la para conversar.

No começo, Vanessa alegou que não havia nada de errado, mas Janayna sabia que ela estava escondendo alguma coisa. Numa das manhãs de estudo, na Orquestra Criança Cidadã, Vanessa resolveu contar os seus problemas à coordenadora e comunicou que estava decidida a sair da Orquestra para ir buscar o seu sonho de ser cantora. Janayna pediu que ela tivesse calma e propôs que ela saísse das aulas de violoncelo e começasse a praticar flauta, enquanto ia arrumar uma solução. "A flauta é um instrumento muito importante para qualquer área musical, pois ela trabalha as técnicas de musicalização e a afinação tanto dos instrumentos, quanto da voz", explica a coordenadora.

Preocupada com o destino da menina, a coordenadora resolveu se reunir com o presidente da Associação que gere a Orquestra, o desembargador Nildo Nery. A professora explicou a situação de Vanessa e disse que a menina realmente estava convicta de que queria ser cantora. O presidente, então, pediu para que fosse contratada uma professora para dar aulas de canto popular para a menina. Pensando também na situação do aluno Felipe Carlos, que fazia aula de piano com o maestro Lanfranco e há algum tempo estava sem professor, Janayna resolveu incluir o aluno nas aulas de música popular, através do ensino do teclado. Esses foram os primeiros passos para a criação do Núcleo de Música Popular do Programa.

Após ficar acertada a criação do novo setor do projeto, o desafio seria arrumar um professor que atendesse as expectativas e ministrasse aulas de canto e coral, canto popular e teclado. Uma seleção foi realizada e a professora Viviane Bezerra assumiu o posto. "Eu fiquei impressionada com a determinação de Vanessa. Ela tinha algumas dificuldades com a técnica vocal, mas isso só a incentivava a querer melhorar", aponta. Segundo Viviane, a música popular deixa o artista livre para interpretar e até ousar durante as apresentações. Por este motivo, muitos alunos se sentem seduzidos a estudar esse estilo musical.

A criação do núcleo popular na Orquestra Criança Cidadã não parou só nas técnicas de canto. A extensão do aprendizado também se estendeu às aulas de teclado, que ajudaram a dar uma direção ao aluno Felipe Carlos. O menino entrou no projeto há três anos e, desde então, não conseguiu se adaptar a nenhum instrumento de cordas ou percussão, até demonstrar interesse pelo piano. Com as aulas de teclado, o menino sentiu-se mais perto da música popular. Felipe foi o aluno que mais surpreendeu Viviane, pois, em pouco tempo de aula, ele obteve um desenvolvimento que a professora nunca viu em 15 anos de ensino musical.

Após três meses de aulas, aconteceu a primeira audição do gênero popular na Orquestra – onde os alunos são avaliados e mostram o que aprenderam nas aulas de música. Vanessa se apresentou cantando uma música da cantora Shakira, uma de seus ídolos na música atual. A menina arrancou aplausos da plateia e consolidou definitivamente a criação do Núcleo de Música Popular na Orquestra.

Aos poucos, outros alunos foram demonstrando interesse pela área. Hoje, alguns instrumentistas da área erudita da Orquestra também se dividem entre o clássico e o popular, além das aulas de prática de grupo, através da formação de uma banda. "Os alunos se sentem bastante motivados e querem ver o núcleo dar certo", pontua Janayna.

COLUNA

Orquestra em Notas

CONFRATERNIZAÇÃO DA PRESIDÊNCIA

FOTO: MILTON RAULINO

No dia 20 de dezembro, um grupo de 40 jovens da Orquestra Criança Cidadã se apresentou na confraternização de fim de ano dos funcionários da Presidência da República e seus familiares. O concerto aconteceu na Granja do Torto e contou com a presença de mais de 300 pessoas. No repertório do concerto, predominaram músicas natalinas, como *Jingle Bell Rock*, *The First Noel*, *We Wish You a Merry Christmas* e *Les Anges Dans Nos Campagnes*, que foram interpretadas com a participação especial do Coral Criança Cidadã. Além disso, o grupo recifense apresentou canções mais usuais de seu setlist, como *Mourão*, *Medley Brasil* e *Carinhoso*, música tocada especialmente em homenagem à presidente Dilma.

ALEMANHA

A Orquestra Criança Cidadã pode realizar a primeira apresentação internacional em 2013. Os meninos foram convidados para participar do festival alemão *World Orchestra Kassel*, um encontro de orquestras jovens do mundo inteiro concebido para celebrar os 1100 anos da cidade de Kassel.

TROCA DE COMANDO

Um grupo de 20 jovens estudantes da Orquestra Criança Cidadã se apresentou, no dia 24 de janeiro, na cerimônia de troca de comando do 7° Depósito de Suprimento do Exército (7° Dsup), localizado no bairro do Cabanga, onde a sede provisória do programa social está instalado, desde sua fundação, em 2006. Regido pelo professor Márcio Pereira, o grupo apresentou um repertório popular com músicas como *Carinhoso*, de Pixinguinha, *Mourão*, de Guerra Peixe, *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga, e o tango *Por Una Cabeza*, do compositor argentino Carlos Gardel.

NO PLANALTO

A Orquestra Criança Cidadã fez uma participação especial na cerimônia de anúncio de uma nova medida do plano Brasil Sem Miséria, no dia 19 de março. Vinte integrantes do projeto social do Recife apresentaram a peça *Carinhoso*, de Pixinguinha, na solenidade, que aconteceu no Salão Nobre do Palácio do Planalto, em Brasília. Entre as personalidades presentes no evento, estavam a presidente Dilma Rousseff, em meio a ministros, prefeitos e governadores de todo o Brasil.

FOTO: ROBERTO STUCKERT FILHO

CONFERÊNCIA

No dia 13 de março, a Orquestra se apresentou no evento CIO Brasil, que acompanha o desenvolvimento da Tecnologia da Informação nacional. A solenidade aconteceu no salão de eventos do Enotel Resort, na praia de Porto de Galinhas, localizada no município de Ipojuca. Sob a regência da professora Aline Lima, os músicos tocaram peças como *Carinhoso*, de Pixinguinha, e *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso.

FOTO: DEVANYSE MENDES

MASTERCLASS

Aproveitando a passagem pelo Recife para tocar no 15º festival de música clássica Virtuosi, instrumentistas renomados internacionalmente visitaram a Orquestra Criança Cidadã para ministrar masterclasses. Os meninos e meninas tiveram aulas com o contrabaixista estadunidense John Chiego, com a violinista Soh-Hyun Park e com o violoncelista Leonardo Altino, ambos professores da Universidade de Memphis, nos Estados Unidos.

COLUNA

Cantinho das Letras

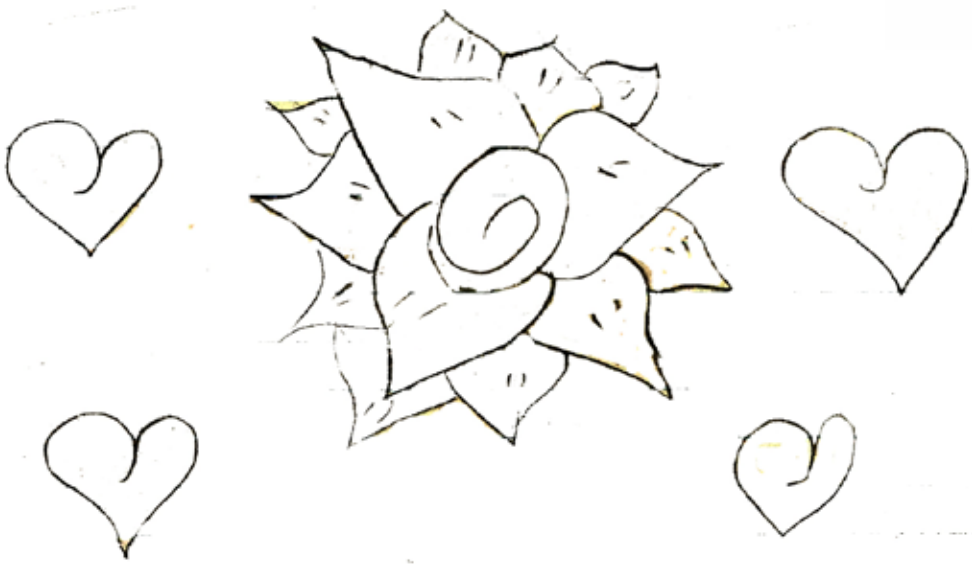
No dia 8 de março, comemora-se o Dia Internacional da Mulher. A fim de prestigiá-las, os Meninos do Coque, em uma atividade pedagógica, redigiram textos e fizeram desenhos expressando seus sentimentos sobre a importância do feminino na vida deles:

"Mulher é que nem uma flor belíssima. Ela não pode ser maltratada, porque tem uma pele bem sensível. Todos os homens que existem no mundo não podem bater nas mulheres. Ela é delicada, como um jardim muito lindo. Eu amo as mulheres!"

Maria Vitória de Araújo Barros, (12 anos, estudante de clarinete)

"A mulher é um ser espetacular. O melhor tipo de mulher é a mãe, a nossa mãe, que cuida da gente mais que todo mundo, que ama e que dá tudo para a gente. Ela foi uma criação de Deus. Com certeza, a melhor criação que Deus já fez. A mulher merece tudo de bom que estiver e que não estiver ao nosso alcance."

Guilherme Amaral Nunes (11 anos, em fase de teste para estudar clarinete).



POPULAR E ERUDITO

Orquestras para todos os gostos

Conheça as particularidades de orquestras pernambucanas com históricos e características bem diferentes

POR ALINE VAN DER LINDEN

Por trás das diversas manifestações da música, que encantam o público por passear entre o popular e o erudito, existem estruturas específicas de orquestra para dar o tom exato a cada composição. Em Pernambuco, a diversidade de gêneros musicais – frevo, maracatu, caboclinho, cavalo-marinho, entre outros – incentiva músicos a quererem misturar, transformar e, sobretudo, propagar novos sons. Mas também persiste o gosto pela música clássica e pelas obras que marcaram épocas, que fogem ao termo erudito. As três orquestras que aqui serão mostradas possuem estilos distintos de repertório, mas conquistam admiradores por onde quer que se apresentem.

FOTO: SÉRGIO FIGUEIREDO

ORQUESTRA POPULAR DO RECIFE TOCA COM CLAUDIONOR GERMANO, NO RÉVEILLON 2010 DO RECIFE, NA PRAIA DE BOA VIAGEM

A VIVÊNCIA DA ORQUESTRA POPULAR DO RECIFE

A Orquestra Popular do Recife (OPR), que está na ativa há quase 40 anos, é uma das maiores difusoras do frevo e dos demais ritmos nordestinos. Idealizada por Ariano Suassuna, foi pioneira em pesquisa e transcrição de gêneros tradicionais, dando início às suas atividades em 1975. Em suas apresentações são contemplados os mais variados gêneros nordestinos – como maracatus, caboclinhos, cirandas, etc. –, mas é através do frevo (em suas variações: frevo canção, de bloco e, em especial, o de rua), que a Orquestra Popular adquire sua mais forte representatividade.

Convidado por Ariano em 1977 para assumir a regência da Popular, o maestro Ademir Araújo, o Formiga, diz que a intenção era "criar uma orquestra que pudesse trabalhar durante o ano todo, porque existe um formato (no imaginário popular) de orquestra que só toca no Carnaval". A OPR tinha uma programação didática, divulgando o resultado de um trabalho de pesquisa, cujo objeto de estudo eram as composições populares da região. A Orquestra se apresentou em diversas comunidades do Recife e, muitas vezes, acompanhada pelo Balé Popular do Recife. Desde a década de 90, atua na Frevioca nos Carnavais com repertórios recheados, que vão do frevo ao caboclinho.

Quanto ao formato da orquestra, Ademir afirma que "muda de acordo com a apresentação". Basicamente, são cerca de 20 músicos (cinco saxofones, quatro trompetes, quatro trombones, quatro percussões, um flautín, uma tuba e um baixo elétrico, fora eventuais arranjos). Músicos não exclusivos e que não têm uma rotina de ensaios: tudo fica a critério dos eventos.

As apresentações da Orquestra Popular do Recife não se restringem nem ao Carnaval nem a Pernambuco. Estiveram em outras capitais do Nordeste e do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília), e fora do país (Alemanha, Bélgica, Cuba). A OPR mostra o seu som em concertos solo ou acompanhada pelo cantor Claudionor Germano. Mas os espetáculos já proporcionaram grandes encontros: desde Luiz Gonzaga a Lenine. Artistas e bandas da cena musical pernambucana mais recente, como Nação Zumbi, Eddie, Siba e China também dividiram palco com a Popular – fato que sela a união entre o tradicional e o novo.

MÚSICA CLÁSSICA EM PERNAMBUCO: A SINFÔNICA JOVEM

A única orquestra sinfônica a se apresentar regularmente no Estado é a Orquestra Sinfônica Jovem, do Conservatório Pernambucano de Música (CPM). Desde 2006, o grupo apresenta seu repertório no projeto Circuito Sinfônico, que chega à oitava temporada este ano. Sob a regência do maestro José Renato Accioly, a orquestra comporta a formação básica de instrumentos (cordas, madeiras, metais e percussão) distribuída num número expressivo de músicos – na última temporada apresentaram-se 78 jovens entre 14 e 28 anos.

A Sinfônica Jovem foi criada para dar oportunidade de formação a novos músicos e também incentivar a criação de um público específico, que, com maior acesso a obras clássicas, pudesse ter visão e opinião mais críticas e próprias acerca das sinfonias. "Os jovens têm mania de achar que música clássica é careta, é música velha feita por e para velhos. Mas não é assim. Música clássica é como cinema, cada obra com uma finalidade: divertir, emocionar, fazer pensar", explica José Renato.

FOTO: FLORA PIMENTEL

MAESTRO JOSÉ RENATO CONDUZ A ORQUESTRA JOVEM EM CONCERTO NO TEATRO DE SANTA ISABEL

Na Sinfônica Jovem, o instrumentista tem a oportunidade de aprimorar sua formação individual, bem como a experiência de fazer parte de uma orquestra profissional. Mas se engana quem pensa que a Sinfônica Jovem só toca obras clássicas. Há também os encontros que unem os acordes da Jovem com a cultura popular, como o convite especial para dividir o palco com Dominguinhos, durante o Festival de Inverno de Garanhuns em 2010, e a experiência com o Quinteto Violado. "Pra tocar o popular chamamos um compositor arranjador para dar ao sinfônico a roupagem de popular", conta José Renato. Esse contato é ainda mais expressivo no projeto Pernambuco Sinfônico, com a proposta de divulgar a música sinfônica em Pernambuco, com um toque popular. A única edição até então, ocorrida entre os meses de junho e agosto em 2011, homenageou Clóvis Pereira e mostrou a força que tem essa mistura de ritmos.

Ao todo, nas andanças da Orquestra Sinfônica Jovem entre o clássico e o popular desde sua fundação, o grupo já realizou 132 concertos oficiais. Fora esses, a conta sobe para mais de 200. "A Orquestra só não tocou em enterro, mas em igrejas de toda a ordem, Clube das Pás...", brinca Accioly, apontando que música clássica não diz respeito apenas ao que é velho e triste, mas que sabe se adaptar às diferentes realidades e encarar novas empreitadas, trazendo, como porta-estandarte, as harmonias eruditas.

CASO ESPECÍFICO: ORQUESTRA DE BAILE

Casamentos, formaturas, eventos corporativos. São essas as ocasiões que marcam o calendário de concertos de uma orquestra de baile, a exemplo da Fascinação, uma das mais atuantes em Pernambuco. Com mais de dez anos de atividade, já foi chamada para eventos em Petrolina, João Pessoa, Campina Grande e Fortaleza. Embora realize vários eventos, o seu ponto forte são formaturas e shows de grande porte, como apresentações, por exemplo, no Chevrolet Hall. Além de entoarem canções emblemáticas, esse gênero de orquestra investe bastante no visual, como em cenários de época e até, em festas temáticas, com covers de artistas famosos, incluindo a participação de dançarinos.

Em relação ao repertório de uma orquestra de baile, as opções consistem em músicas que fizeram sucesso, segundo Genilson Pontes, diretor musical da Fascinação. "São músicas populares de antigamente, americanas, brasileiras, MPB, boleros, folks. As chamadas músicas eternas", que são interpretadas com arranjos originais da própria orquestra. Fora o básico, a Fascinação busca adequar o repertório às exigências da modernidade. "Tem noiva que diz que não quer brega de jeito nenhum. Outra noiva, que vai se casar com um baiano, pede mais música baiana", comenta Genilson. Em cada vez, há sempre uma equipe que acompanha a festa e observa o tipo de público presente para sentir o clima do show. E esse fator pode redirecionar as músicas, que, normalmente, são divididas em blocos (de acordo com cada momento da festa).

Apesar dos preparativos, sempre há aqueles convidados que fazem pedidos que fogem do programado. Para se atualizar e dar conta dessas surpresas, Genilson comenta sobre o uso diário da Internet para conhecer os sucessos instantâneos. "Quando lançam uma música na Internet no meio da semana, é certeza que vão pedir na próxima festa", afirma. Esses sucessos instantâneos são apresentados com arranjos simples, tais como geralmente são os originais.

A Fascinação, bem como qualquer orquestra de baile, possui cinco músicos base, responsáveis por bateria, contrabaixo, guitarra, teclado e percussão. A parte de metais são cinco pessoas: dois saxofones (alto e tenor), dois trompetes e um trombone. Somado a isso, três cantores: duas vozes femininas e uma masculina. Genilson afirma que, em sua maioria, são profissionais autodidatas, o que é comum nesse tipo de formação de grupo, principalmente entre os músicos dos instrumentos base da orquestra.

O dia a dia de uma orquestra de baile, a exemplo da Fascinação, é bem distinto em função da demanda de apresentações. Genilson Pontes, diretor musical da orquestra, afirma que a orquestra se encontra semanalmente, para ensaiar no estúdio. Embora as temporadas de dezembro-janeiro e julho sejam as mais movimentadas, a orquestra faz show sempre. E os eventos, que eram apenas dia de sexta e sábado, já têm a quinta também como dia de festa. Carnaval e São João são festividades que deixam o calendário da orquestra mais leve, o que de alguma forma ajuda nas agendas individuais dos músicos e cantores da orquestra. "Não são profissionais exclusivos. Tocam com Elba Ramalho, Alceu Valença, Silvério Pessoa...", comenta Genilson.

FOTO: FABIO FLORIANO / DIVULGAÇÃO

ORQUESTRA FASCINAÇÃO: GRUPO ANIMA FESTAS AO SOM DE GRANDES HITS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

CHIQUINHA GONZAGA

Uma mulher à frente de seu tempo

Amores, lutas e notas musicais harmonizadas compõem a história de uma das maiores artistas brasileiras

Francisca Edwiges Neves Gonzaga nasceu no Rio de Janeiro na década de 1840, mais precisamente no dia 17 de outubro, e marcou a história da música popular brasileira. Filha do militar José Basileu Neves Gonzaga e da mulata Rosa de Lima Maria, ela estudou piano desde a infância e compôs sua primeira peça – *Canção dos Pastores* – aos 11 anos, durante um mês natalino. O pioneirismo de Francisca Edwiges lhe rendeu um nome que se tornaria sinônimo de ousadia e talento: esta é Chiquinha Gonzaga.

FOTO: REPRODUÇÃO DA INTERNET

A pianista é um ícone não só da música, mas também representante da liberdade feminina. Sua vida foi marcada pela entrega profunda à arte e pelos amores, os quais sempre foram o combustível de suas composições. Aos 16 anos de idade, os pais de Chiquinha arranjaram o casamento da moça com o oficial da Marinha Mercante Jacinto Ribeiro Amaral. O espírito livre da artista não suportou por muitos anos as amarras da união indesejada. Numa tentativa frustrada de prendê-la ao matrimônio, o oficial chegou a levar a mulher e o filho mais velho do casal, João Gualberto, para a frente de batalha da Guerra do Paraguai. Temendo a morte, a pianista fugiu com o primogênito.

A compositora dedicava muito tempo ao estudo do piano e não baixava a cabeça para os desmandos do marido, que não admitia que ela frequentasse os saraus, onde homens solteiros e pessoas de pele negra eram visitantes assíduos. Indo de encontro a todas as convenções sociais da época, Chiquinha se separou do marido, perdendo o direito à guarda dos filhos Hilário e Maria do Patrocínio, conseguindo ficar apenas com João Gualberto. Mãe e filho, então, foram morar em um cortiço no Rio de Janeiro.

Após viver a tristeza da separação dos filhos, Chiquinha mergulhou na carreira e começou a viver

uma paixão com o engenheiro de estrada de ferro João Batista de Carvalho Júnior. Do relacionamento, nasceu a filha Alice Maria. O segundo relacionamento também não durou muito tempo; o atual marido possuía muitas amantes. Mesmo sendo um comportamento aceitável para os homens da época, a artista não aceitou ser traída. Chiquinha abandonou o marido e deixou a filha com ele para se dedicar exclusivamente à música. O novo momento levou a compositora a assumir a arte como meio de vida.

A pesquisadora Edinha Pereira, autora da biografia da artista, conta que, aos 52 anos, a pianista envolveu-se em um relacionamento com um jovem de 16 anos, chamado João Baptista Fernandez Lage. O casal tinha plena consciência de que a sociedade nunca aceitaria o relacionamento dos dois, e que esse fato poderia acabar com a carreira dela. Para evitar os comentários da época, Chiquinha Gonzaga teria adotado o garoto, que passou a se chamar João Baptista Gonzaga.

No auge da carreira, a família tentou se reaproximar da artista, que não perdoou a falta de apoio dos parentes. Chiquinha renegou as filhas e só ficou ao lado de quem a apoiava. Chiquinha e João Baptista realmente se passavam por mãe e filho, apenas os amigos mais próximos sabiam da história verdadeira. Quando João Baptista já estava com uma idade considerável, Chiquinha começou a apresentá-lo à sociedade como seu produtor musical. A relação durou 33 anos e o jovem ficou ao lado da compositora até o fim de sua vida.

Chiquinha conseguiu vencer as opiniões de uma sociedade patriarcalista e teve os últimos anos da vida marcados por homenagens nacionais e internacionais. A senhora franzina, de sorriso fácil e vestimentas discretas escondia a força de uma mulher que viveu intensamente e sacrificou boa parte da vida em favor da música, dos amores e da igualdade social.

MUDANDO AS LINHAS MUSICAIS DO BRASIL

No período histórico em que Chiquinha viveu, os negros e mulatos eram fortemente excluídos do acesso à cultura de elite; apenas os que podiam pagar pela arte tinham acesso. A luta dela consistia na democratização da cultura e no fim do preconceito racial. A proposta revolucionária trazida pela compositora tinha o objetivo de desenvolver a cultura brasileira nos moldes parisienses, mas com os elementos marcantes da música nacional da época. Para a pianista, a face mestiça do Brasil – composta por povos europeus, africanos e indígenas – enriquecia o cenário artístico brasileiro e devia ser disseminada no País para todas as classes.

Pensando em unir a música tradicional europeia à música brasileira, Chiquinha, em seu processo de criação, usou a base rítmica erudita e foi inserindo os traços que caracterizam a música popular brasileira que se conhece hoje. Muitos instrumentos da Europa foram trazidos para o Brasil; danças, sons e gêneros foram misturados e deram origem a novos elementos musicais. Chiquinha Gonzaga se encantou com a profusão da arte que emanava do Brasil e aderiu à miscigenação. Ao fim do século 19, as polcas, habaneras – dança popular cubana – e tangos foram inspirações para as obras da compositora.

O pesquisador paranaense Wesley Carvalho Sasso desenvolveu, em 2012, a pesquisa *Chiquinha Gonzaga e o Brasil Mulato: Influência Musical na Busca da Identidade Nacional*. Wesley explica que a compositora trouxe vertentes inéditas para a música brasileira, trabalhando as temáticas nacionalistas. A pesquisadora Edinha Pereira cita na sua publicação que Chiquinha cometeu o grande pecado de sentir "à brasileira", incomodando a sociedade moralista de então. O desconforto provocou ofensas e sabotagens, prejudicando a atuação profissional da artista.

Chiquinha ficou ainda mais próxima da música quando começou a dar aulas de piano para crianças. No entanto, as famílias da época julgavam o modo de vida da pianista; isso fazia com que ela tivesse poucos alunos e, consequentemente, pouco dinheiro. Nessa mesma época, recebeu um convite do flautista Joaquim Antônio da Silva Callado para fazer parte do grupo Choro Carioca. A

vida mudou e, de repente, Chiquinha se via tocando em festas e fazendo parte da boemia dos ambientes artísticos do Rio de Janeiro.

A artista musicou peças de teatro e operetas utilizando o maxixe como base para grande parte dessas adaptações. O ritmo chocava a sociedade da época, pois mostrava casais em danças sensuais, com as pernas entrelaçadas e os quadris muito próximos. No começo, era uma dança, mas, a partir do século 20 se tornou um estilo musical.

A liberdade de viver da música trouxe inspiração e a instrumentista estreou de fato na carreira de compositora. Em meio a uma roda de choro, na casa do amigo e também compositor Henrique Alves de Mesquita, todos se divertiam com as músicas, rindo e tocando peças da época. Foi quando, de improviso, Chiquinha começou a deslizar os dedos pelas teclas do piano e, em 1887, compôs a peça polca *Atraente*, despontando como a primeira mulher brasileira a fazer uma música.

A artista quebrou barreiras e se destacou na música através do talento e dedicação incondicional ao piano. Em 1885, a compositora estreou como maestrina e foi a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil. Chiquinha utilizou o Teatro São Pedro de Alcântara, em 1889, para promover e reger um concerto de violões, instrumento marginalizado naquela época.

As opiniões da compositora foram ferramentas importantes para que ela lutasse contra tudo o que achava errado. Sua música foi bastante influenciada pela maneira de viver que escolheu. Apaixonada pela arte, ela não mediu esforços para que o povo brasileiro tivesse oportunidade de se sentir inserido e se reconhecer nas músicas que eram executadas na época. Por toda luta travada contra pela disseminação cultural, Chiquinha Gonzaga escreveu seu nome no cenário musical brasileiro e mudou os rumos artísticos nacionais.

CRONOGRAMA DE MÚSICA E LUTA DE CHIQUINHA GONZAGA

1877 – Primeira obra editada: a polca *Atraente*, que em nove meses chega à 15ª edição

1879 – Começa a instrumentar, com autodidatismo

1880 – Anuncia-se publicamente como professora de várias matérias musicais

1885 – Estreia como maestrina

1888 – Extinção da escravidão no Brasil, pela qual durante tantos anos Chiquinha Gonzaga lutara

1899 – Carnaval. Compõe *Ó Abre Alas*. Conhece João Batista, jovem português de 16 anos, que seria seu companheiro até o fim da vida

1911 – Inicia intensa atividade musicando peças teatrais para os espetáculos por sessões dos cineteatros da Praça Tiradentes (RJ)

1912 – Estreia *Forrobodó*, seu maior sucesso teatral

1913 – Deflagra campanha em defesa do direito autoral dos compositores e teatrólogos

1914 – Lançamento, com grande sucesso, do tango *Corta-Jaca*

1917 – Participa da fundação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

1919 – Grande êxito da peça de costumes regionais Juriti

1925 – Recebe homenagens consagradoras da SBAT – Sociedade Brasileira dos Autores de Teatro – e reconhecimento do País inteiro

1933 – Aos 85 anos, escreve sua última partitura para teatro: *Maria*

1935 – Morre no dia 28 de fevereiro. Dois dias depois, realiza-se o primeiro concurso oficial das escolas de samba do Rio, tendo Chiquinha Gonzaga como homenageada

Fonte: *Edinha Diniz (2011)*

CNI
SESI
SENAI
IEL

SESI

Iniciativa da CNI - Confederação Nacional da Indústria

ORQUESTRA
CRIANÇA
CIDADÃ

CAIXA

O banco que acredita nas pessoas

ORQUESTRA CRIANÇA CIDADÃ

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA